

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

SORAYA DA SILVA COELHO VIEIRA

**OS EFEITOS PSICOLÓGICOS NO PROCESSO DE DEPORTAÇÃO DE
IMIGRANTES MINEIROS NOS EUA**

VITÓRIA
2015

SORAYA DA SILVA COELHO VIEIRA

**OS EFEITOS PSICOLÓGICOS NO PROCESSO DE DEPORTAÇÃO DE IMIGRANTES
MINEIROS NOS EUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. MSc. Daniella Messa e Melo Cruz

VITÓRIA

2015

SORAYA DA SILVA COELHO VIEIRA

**OS EFEITOS PSICOLÓGICOS NO PROCESSO DE DEPORTAÇÃO DE IMIGRANTES
MINEIROS NOS EUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharelado em Psicologia.

Aprovada em _____ de _____ de _____, por:

Prof^a. Ms. Daniella Messa e Melo Cruz, Orientadora

Prof^a Dra. Christyne Gomes Toledo de Oliveira
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

Prof^a Dra. Beatriz Baptista Tesche Rossow
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

Dedico esta conquista ao meu esposo Evandro e aos meus filhos Evandro e Isadora,
que batalharam comigo para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por estar ao meu lado durante estes cinco anos de caminhada, amparando-me nos momentos difíceis do curso, dando-me força e luz. Sem Ele nada teria acontecido.

Agradeço ao meu esposo Evandro e aos meus filhos Evandro e Isadora por acreditarem em meu potencial e por compreenderem minha ausência. Muitas foram às vezes que seus olhos me buscaram e não me encontraram.

Aos meus pais, pelo apoio, amor e incentivo.

Agradeço em especial ao meu irmão Richardson, minha cunhada Regiana, pelo apoio na realização da minha pesquisa, seja por conhecerem o processo de deportação, ou seja, por terem conseguido as pessoas que seriam entrevistadas.

Aos meus sobrinhos por todo carinho.

Aos imigrantes ilegais deportados que contribuíram para a realização do meu trabalho.

Agradeço imensamente a minha amiga irmã Marilene, pelo companheirismo e força, que serviram para alcançar melhores resultados durante essa trajetória, sempre dizendo nos momentos de provas e ICAS: Vamos conseguir! Essa conquista é nossa minha amiga.

As minhas queridas amigas Elisa e Suellen, pelos momentos de estudo, estágios, clínica, projetos, cafés, almoços e TCC, pelas risadas e nervosismos durante o curso, mesmo que os caminhos sejam diferentes, estaremos sempre juntas.

A minha amiga e companheira de Comissão, Priscila, pelos momentos de correria na preparação da formatura e pelos momentos de estudos na biblioteca.

A todos os meus professores e supervisores de estágio pelos ensinamentos que me foram transmitidos ao longo do curso.

Agradeço, por fim a minha professora, mestre e orientadora Daniella Messa, pela dedicação, preocupação, empenho e ética durante o curso, respeitando os meus limites e obstáculos, obrigada por tudo.

As fronteiras não se desfazem jamais, elas se redesenham. [...] A fronteira, nesse sentido, tem sempre uma dimensão temporal: é a forma do devir e, talvez, da esperança
(AUGÉ, 2010)

RESUMO

O sonho de chegar à América do Norte faz com que milhares de mineiros arrisquem suas próprias vidas em busca de melhores condições de vida para si e suas famílias. A imigração ilegal, que ocorre dentre outras formas, através da fronteira do México e Estados Unidos, é circundada de perigos, ficando esses brasileiros a mercê das ameaças de coites e traficantes. Ao chegarem à terra sonhada, traçam planos que contemplam trabalho árduo, muitas vezes somatizando a solidão. Além disso, durante sua permanência no país, convivem, constantemente, com o medo e a insegurança de serem encontrados pelo setor de imigração e deportados, pois necessitam, diariamente, percorrer grandes distâncias para irem trabalhar. Essa pesquisa buscou analisar a importância das consequências psicológicas na vida do deportado, sendo que seu objetivo principal é investigar, o estado emocional do deportado, bem como as medidas de enfrentamento utilizadas por essas pessoas para melhorar seu estado emocional. A pesquisa possui natureza qualitativa, com enfoque descritivo. Ademais, por meio do uso da técnica da bola de neve e de entrevistas semi-estruturada e, realizadas com as pessoas deportadas dos Estados Unidos, os dados foram coletados, gravados e transcritos. Em seguida, os dados foram analisados à luz da análise de conteúdo. Ao final, foram encontradas fortes evidências de consequências psicológicas, advindas do processo de deportação.

Palavras chave: Imigrante ilegal. Deportação. Estado emocional. Consequências Psicológicas.

ABSTRACT

The dream of reaching North America makes thousands of “mineiros” risk their lives in search of better living conditions for them and their families. Illegal immigration that occurs among other ways, by crossing borders between Mexico and the United States, is surrounded with dangers, getting Brazilians to the mercy of threats from traffickers and coyotes. When they reach the land dreamed, make plans that include hard work, often resulting in loneliness. Also, during their residence in the country, they live in constant fear and insecurity of being found by the immigration and deported sector, because it requires, daily, travel long distances to go to work. This research aimed to analyze the importance of the psychological consequences on the life of the deported, It is that its main purpose is to investigate the emotional state of the deported and the coping measures used by these people to improve their emotional state. The research has a qualitative nature, with descriptive approach. Furthermore, through the use of snow ball technique and semi-structured interviews, performed with people deported from the United States, the information were collected, recorded and transcribed. Then the information were analyzed based on content analysis. At the end, were found strong evidence of psychological consequences, resulting from the deportation process.

Keywords: Illegal Immigrant. Deportation. Emotional State. Psychological consequences.

LISTA DE SIGLAS

BDTD - Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações

COMIGRAR - Conferência de Migrações e Refúgio

EUA – Estados Unidos da América

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICE - Polícia de Imigração

MRE - Ministério das Relações Exteriores

ONU - Organizações das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1 SIGNIFICADOS DAS TERMINOLOGIAS: IMIGRAÇÃO, MIGRAÇÃO, EMIGRAR, EMIGRANTE, IMIGRANTE, IMIGRAR, DEPORTAR E DEPORTAÇÃO.....	23
2.2 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PARA ENTRAR ILEGALMENTE NOS ESTADOS UNIDOS PELA FRONTEIRA DO MÉXICO	26
2.3 A VIDA ILEGAL NOS ESTADOS UNIDOS: SONHO OU PESADELO?.....	30
2.4 O PROCESSO DE DEPORTAÇÃO	34
2.5 OS PRIMEIROS MOMENTOS DO DEPORTADO EM SUA TERRA NATAL.....	36
2.6 O DEPORTADO EM SUA TERRA NATAL: UM SUJEITO EM CONFLITOS E TRANSFORMAÇÕES	40
3 METODOLOGIA	47
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	47
3.2 CAMPO DE ESTUDO	49
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	49
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	50
3.5 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	51
3.6 O TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	52
3.7 ASPECTOS ÉTICOS.....	52
4. RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA	55
4.1 SIGNIFICADOS DO PROCESSO DE EMIGRAÇÃO PARA O SUJEITO.....	56
4.2 REFLEXOS PSICOLÓGICOS DO PROCESSO DE DEPORTAÇÃO	58
4.3 OS CONHECIMENTOS DOS DEPORTADOS ACERCA DE ENTIDADES ASSISTENCIAIS BRASILEIRAS.....	63
4.4 EXPECTATIVAS FRENTE À NOVA REALIDADE	65
4.5 RELATOS VOLUNTÁRIOS	67
4.5.1 A travessia	67
4.5.2 O processo de deportação	70

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A - Questionário Semiestruturado	84
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	86

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o fenômeno da migração brasileira se iniciou a partir da década de 70, no século XX, onde milhares de brasileiros procurando melhores condições de vida para si e seus familiares, emigraram do seu país com o propósito de se aventurarem no exterior.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir dos dados do Censo Demográfico de 2010, estima-se que existem cerca de 500 mil brasileiros que emigraram e se encontram residindo fora do Brasil, entre os quais, 23,8% vivem nos Estados Unidos da América do Norte (EUA) (IBGE, 2010).

Todavia, levantamentos realizados pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2014) argumentam que as informações do IBGE estariam subavaliadas, sendo que a quantidade de brasileiros que emigraram seria muito maior.

Assim, para o MRE o número real estaria entre 02 e 3,7 milhões, sendo que destes, 49% teriam emigrado da Região Sudeste, que se destaca nesse movimento migratório. Ressalta-se, também, que somente do estado de Minas Gerais saíram 16,8% dos emigrantes, porém, o estado de São Paulo estaria na frente com 21,6% (MRE, 2014). Logo, esses dados corroboram o que já havia sido registrado por Fusco e Souchaud (2008), pois esses autores afirmavam que o grande número de pessoas que migraram para os Estados Unidos partiu do Sudeste.

Para os emigrantes brasileiros, o sonho americano representa como única e real possibilidade de mudança de vida, não importando para esse fim, os meios alternativos, inadequados e ilegais que utilizaram para ingressar em terras americanas, nem tão pouco os riscos à própria vida que tenham enfrentado na travessia e continuam enfrentando para viver ilegal.

A propósito, Ferreira (2013) afirma que mesmo na condição de imigrante ilegal as pessoas devem ser respeitadas e tratadas com dignidade, sem qualquer discriminação. Assim, embora diversos imigrantes tenham passado por situações precárias e desumanas durante o percurso da travessia, o que deve ser ressaltado, a todo o momento e a qualquer custo, são as pessoas humanas que, com suas limitações e possibilidades, estão buscando uma oportunidade de uma vida melhor, e de um sonho enriquecedor para si e para seus familiares.

Há mais, segundo Negai (2008) quando os imigrantes ilegais ingressam no solo americano, apesar da sua ilegalidade, é perceptível que se tornaram membros inclusivos socialmente, na medida em que, é certo, que realizam atividade laboral diária, freqüentam os mesmos espaços, utilizam do mesmo ensino para educar os seus filhos e buscam da mesma rede de saúde que é oferecida ao cidadão americano. Todavia, tudo isso não fazem deles cidadãos legais.

Por outro lado, segundo Filipe Brum Cunha (2010), infelizmente os Estados Unidos ainda não adquiriu habilidades suficientes para lidar com a entrada de imigrantes ilegais, apesar de conviver com esse processo há muitos anos, sobretudo no que diz respeito aos cubanos e latino americanos. O autor registrou, também, que devido ao aumento do tráfico de drogas na América Latina, tornou-se necessário conhecer a origem e o passado desses emigrantes ilegais.

Ademais, com o advento da globalização e dos eventos terroristas marcados pelo ataque às torres gêmeas, houve uma intensificação do controle imigratório, com a adoção de novas medidas, mais rígidas e restritivas, pelos Estados Unidos, a fim de melhor controlar a entrada e a circulação de estrangeiros em seu território. Com isso, não só o controle nas fronteiras ficou mais rigoroso, como também foram intensificadas as ações para encontrar aqueles emigrantes que viviam no país de forma irregular.

Desta forma, já era de se esperar que a tolerância diminuísse e que o aumento das deportações (movimento obrigatório de retorno à terra natal) de brasileiros seria iminente, tendo havido, apesar, há tempos, da existência dos direitos humanos, muitos relatos de casos de maus tratos e atrocidades praticadas por agentes de imigração encarregados por efetuar as buscas e as detenções na fronteira. Assim, muitos acabaram sendo apreendidos e deportados, sendo obrigados a conviver com tamanho sofrimento e o pior, perdendo as amizades, deixando, às vezes, de desfrutar das conquistas adquiridas, pois o sonho de construir algo tinha acabado de forma brutal.

Neste contexto, as autoridades brasileiras, por meio de esforço conjunto dos ministérios da Justiça, do Trabalho e das Relações Exteriores, realizaram em 2014, a 1ª Conferência de Migrações e Refúgio (COMIGRAR), que debateu, discutiu e refletiu sobre o assunto, surgindo daí uma série de propostas a respeito dos reflexos psicológicos para a vida do deportado.

Apesar disso, a ministra Luiza Lopes da Silva, responsável por uma das Subsecretaria - Geral do Itamaraty, durante sua entrevista para a jornalista Ligia Guimarães, do Jornal Valor Econômico, declarou que: “[...] o brasileiro retornado tem menos apoio público, por exemplo, que os imigrantes estrangeiros que chegam para tentar a vida no Brasil, como haitianos e bolivianos, [...]” (GUIMARÃES, 2014)

Neste contexto, Batista e Brandes (2010) investigaram os possíveis transtornos psicológicos adquiridos após o retorno ao Brasil, na região de Governador Valadares, no Leste de Minas Gerais com um recorte sobre Emigrantes Retornados.

Aqueles autores realizaram um estudo com pessoas que migraram para os EUA, utilizando psicólogos clínicos para as entrevistas, as quais denominaram de entrevistas de profundidade, pois tinham por finalidade, investigar sua saúde antes de emigrar para a América e após o processo de retorno.

Diferentemente, a presente pesquisa teve por desígnio somente os imigrantes deportados que viveram ilegalmente nos Estados Unidos, tendo como foco principal os fatores psicológicos advindos do processo de deportação, utilizando não a entrevista em profundidade, mas sim aquela denominada de semiestruturada.

Em seus resultados, Batista e Brandes (2010) constataram diversas conseqüências da deportação, tais como depressão, baixa autoestima, tristeza, desânimo, ansiedade, entre outros, que levavam ao desenvolvimento de transtornos psicológicos. Dessa forma, os autores concluíram que todos esses sintomas estariam relacionados com o processo de retorno dos imigrantes à terra natal, devido à grande dificuldade de readaptação ao local de origem, pois observaram grandes mudanças ocorridas na cidade da qual saíram desde o momento em que emigraram.

Outro fator pertinente constatado em alguns emigrantes retornados é o sentimento de derrota, por não terem conseguido alcançar o que desejavam, dificultando assim uma readaptação mais rápida.

A partir dessas circunstâncias, observa-se que a pesquisa realizada está na mesma dimensão do trabalho de Batista e Brandes (2010), porém se diferenciou no foco, já que teve por objeto os efeitos psicológicos do processo de deportação de imigrantes mineiros nos EUA.

Outro estudo que abordou a deportação refere-se à situação de cabo-verdianos no contexto da emigração para os Estados Unidos, feito por Cardoso (2008). Seu objetivo foi destacar os motivos que levavam às deportações e à reintegração dos cabo-verdianos no seio da sociedade. O autor destaca o retorno dos imigrantes, como sendo uma penalidade, pois o deportado enfrenta o processo de deportação como um choque, além de frustrar todas as suas expectativas e reduzir a quase nada os esforços despendidos até então.

A presente pesquisa, também, atingiu esse aspecto, na medida em que incluíram, em seu escopo, as expectativas frente à nova realidade que o deportado tem que vivenciar, especialmente em relação à forma como se dá o seu retorno à cidade natal, haja visto que diversas mudanças foram implantadas desde à sua saída.

A partir das considerações anteriores, foram elaborados alguns objetivos para nortear o desenvolvimento da presente pesquisa. O objetivo geral foi investigar, a partir da deportação, o estado emocional de deportados adultos e as possíveis conseqüências psicológicas por eles vivenciadas com o retorno abrupto à sua terra natal. Além disso, em caráter mais específico, buscou-se também investigar: a) o que representou o processo de imigração para o sujeito; e, b) quais suas expectativas frente à nova realidade e quais as estratégias oferecidas pelas organizações e entidades assistenciais brasileiras para o enfrentamento das deportações.

Em relação à temática escolhida, pode-se dizer que, a partir do estudo de alguns casos de deportação ocorridos com mineiros que viviam nos Estados Unidos, a Psicologia estará sendo instigada para conhecer e avaliar os efeitos psicológicos advindos com o retorno, já que muitos mineiros buscaram e emigraram para fugirem da crise econômica existente no Brasil.

Deste modo, sua importância se revela não só nos aspectos do sofrimento emocional e material dessas pessoas, como também na escassez de publicações sobre o tema, uma vez que uma busca na rede mundial de computadores (web), de maneira especial na base Scielo e na Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações (BDTD) revelou escassez de publicações sobre o assunto. Tal afirmativa é sustentada por meio das palavras de Domenech (2015, p. 25-29) em relação à deportação. Para o autor “Não há razões empíricas que justifiquem essa desatenção, [...]”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica realizada na web, na biblioteca da Faculdade Salesiana e em coleções particulares. Teve por objetivo organizar parte do conhecimento disponível em publicações, de maneira a formar construtos que pudessem sustentar a pesquisa de campo e, ao final, permitir o diálogo com os resultados da análise dos dados.

2.1 SIGNIFICADOS DAS TERMINOLOGIAS: IMIGRAÇÃO, MIGRAÇÃO, EMIGRAR, EMIGRANTE, IMIGRANTE, IMIGRAR, DEPORTAR E DEPORTAÇÃO.

O tema objeto de estudo desta pesquisa exigiu o uso de diversos conceitos que são comumente confundidos pela população, de modo geral. A pequena diferença que existe em sua grafia abre espaço para o uso indevido da terminologia, não raro utilizando-se um mesmo termo para significar coisas diferentes.

Assim, algumas das palavras, especialmente na língua portuguesa, acabam ganhando significados confusos, sendo necessário realizar consultas em dicionários e/ou no vocabulário ortográfico da língua portuguesa para clarear seu conceito e seu uso.

Dessa forma, a identificação e o significado dos termos imigração, migração, emigrar, emigrante, imigrante, imigrar, deportar e deportação, são essenciais para a pesquisa, pois a sua compreensão, de forma isolada ou não, irá facilitar, com toda certeza, a contextualização desta pesquisa.

Iniciando pelo vocábulo **imigração**, lançou-se mão dos argumentos de Horcaio (2006) que logo remete o leitor à idéia de alternância, na medida em que afirma que imigração “É a mudança definitiva de pessoas de um país para outro.”.

Para melhor esclarecimento o autor faz um contraponto com o termo **migração**, que no seu entender é a “Transferência de parte da população de uma região ou nação para outra. Neste último caso, ou seja, a migração externa tem-se a denominação especial de **emigração**” (HORCAIO, 2006, p. 705, grifo nosso).

Prosseguindo com a tarefa de explanar os significados, de forma resumida, Nunes

(1995) definiu **emigrante** para referir às pessoas que decidiram sair de sua cidade, ou país de origem para residir em outro país, geralmente buscando melhores condições de vida, fugindo de situações econômicas, políticas ou profissionais difíceis.

De forma mais enfática, no dicionário Michaelis (2001, p. 460) encontrou-se uma visão que se baseia na contraposição, ou seja, “emigrante” como antônimo de “imigrante”. O autor diz: “Que, ou pessoa que emigra ou emigrou. *Antôn: imigrante.*”

Para complementar os esclarecimentos, buscou-se Maria Jandyra Cavalcanti Cunha [200-], que entrelaçou três desses conceitos: migração, imigração e emigração, a saber:

Por **migração** se entende o processo geral de mobilidade espacial de duas vias - uma de entrada (**imigração**) e outra de saída (**emigração**) - que se opera em áreas afastadas entre si e separadas por fronteiras. Alguns autores no Brasil associam o termo ‘migração’ aos deslocamentos populacionais domésticos, de uma região para a outra dentro do país. Isso é migração, mas também o é o processo que envolve um número considerável de pessoas, as quais, individualmente ou em grupos, transferem seu domicílio para outro país onde passam a viver e exercer regularmente suas atividades ocupacionais. São como essas pessoas os sujeitos que estudo, brasileiros que são considerados ‘migrantes internacionais’. Eles saem do Brasil como emigrante e se radicam em outras terras como imigrantes.

Complementando, buscou-se ainda em Michaelis (2008) mais esclarecimentos, que embora não tenham trazido novidades, auxiliou o fortalecimento do conceito, uma vez que o texto consultado afirma que o verbo emigrar tem o significado de deixar um local, ou seja, alguém deixa o país que nasceu ou viveu por muitos anos, onde geralmente constitui um vínculo, para instituir residência em outro que não faz parte do seu histórico.

Portanto, fica claro que os verbos (emigrar e imigrar) possuem sentidos opostos, sendo que o primeiro tem o significado de deixar sua terra natal e o segundo o sentido de entrar em outro país para nele viver.

Por último, finalizando os vocábulos e seus significados, cumpre ainda falar do verbo deportar. Deportar, para Nunes (1995, p. 188), é: “Impor a alguém a pena de deportação. [...]”. Buscando o entendimento, viu-se que a palavra **deportação** vem com significação de castigo, ou seja, fazer com que o sujeito resida em local determinado, geralmente ao país de onde emigrou. Implicando a retenção dos bens e a perda da cidadania (HORCAIO, 2006).

Para Domenech (2015, p. 27 e 25) a palavra deportação possui significados de acordo com o tempo e motivo de seu acontecimento. Vejamos:

[...] é necessário entender as deportações como parte significativa de um regime de controle das migrações, que articula “securitização” e “humanitarismo”, deixando no passado as concepções eugenistas e higienistas, uma vez que o foco da deportação se fazia sobre “[...] os “loucos”, “otários”, “imbecis”, “cegos”, “surdos”, “mudos”, “vagabundos”, “incapazes de trabalhar devido à doença ou má condição física”, “mendigos profissionais” etc...”.

Ainda para o autor, existem, ainda, outros grupos considerados indesejados. São eles:

[...] considerados como infratores, marginais ou transgressores das leis jurídicas ou morais em consonância com os parâmetros do discurso penal desses tempos: incluindo os que não tinham um “ofício ou profissão honrosa que lhes permita ganhar o seu sustento”, as “prostitutas”, os “polígamos”, aqueles que “traficam com a prostituição” ou “aqueles que se dedicarem ao tráfico de mulheres ou o tráfico de entorpecentes”. Outro subgrupo foi constituído por aqueles indivíduos que haviam infringido as condições e requisitos da entrada legal ao território nacional. Finalmente, entre outros estrangeiros “subversivos”, os anarquistas, ainda que ocasionalmente aparecessem mencionados de forma explícita, constituíam uma fração dos imigrantes definidos como “indesejáveis” (DOMENECH, 2015, p. 27).

Em resumo, de forma simplificada, os significados dos vocábulos em questão podem ser vistos no Quadro 01.

Quadro 01 - Resumo dos conceitos

Vocábulo	Significado
Migrante	Pessoa que passa a viver em outra região ou país diferente daquela na qual teve sua origem ou nascimento.
Emigrante	Pessoa que deixa o local onde nasceu, mesmo que em tenra idade.
Imigrante	Pessoa que entra em região ou país diferente daquela na qual teve sua origem ou nascimento.
Deportado	Pessoa que vive em região ou país diferente daquela na qual teve sua origem ou nascimento e contra a sua vontade é obrigada a retornar à sua terra natal, por fatores diversos, incluindo a ilegalidade.

Fonte: Elaboração própria.

Com isso, a partir da compreensão dos significados dos termos: imigração, migração, emigrante, emigrar, imigrante, imigrar, deportar e deportação; pode-se dizer que o tema é intrigante e que a pesquisa tem como proposta conhecer os possíveis reflexos psicológicos adquiridos com a deportação (saída forçada de um país, reprimida a partir de uma imigração ilegal) e avaliar se as estratégias de enfrentamento às deportações oferecidas pelas organizações e entidades assistenciais brasileiras estão colaborando para a readaptação, o crescimento psicológico e a estabilidade emocional das pessoas deportadas.

De acordo com a temática do trabalho, o foco principal não é abordar as leis que regulamentam a imigração, porém, vale ressaltar como decorre o processo de deportação do imigrante ilegal nos Estados Unidos, sob a proteção da ordem jurídica.

As leis de imigração nos EUA são muito complexas, guiadas por princípios que incluem: “[...] a reunificação de familiares, admitindo imigrantes: com habilidades que são valorizadas pela economia norte-americana; que necessitem proteção como refugiados, asilados e vulneráveis e para promover a diversidade” (AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL, 2014, p. 1, tradução nossa).

De acordo com o site da Casa Branca, o presidente Barack Obama considera que:

O sistema de imigração dos Estados Unidos está falido. Existem muitos empregadores que burlam a legislação contratando trabalhadores sem documentos, existindo 11 milhões de pessoas que vivem na clandestinidade, sendo isso prejudicial para a economia do país (WHITE HOUSE, 2014, tradução nossa).

Segundo o Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos, em seu site oficial, no dia 20 de novembro de 2014 o Presidente anunciou uma série de medidas para reprimir a imigração ilegal nas fronteiras, priorizando a deportação de criminosos, não de famílias. Passaram a exigir também que os imigrantes sem documentos tivessem seus antecedentes criminais verificados e que pagassem impostos a fim de permanecer temporariamente no país, sem o medo da deportação (DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY, 2015). No entanto, parece haver ainda muitos vestígios do antigo olhar sobre esse tipo de imigrante, uma vez que há relatos de tratamentos agressivos, cruéis e até de ofensa aos direitos legais do sujeito.

2.2 EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PARA ENTRAR ILEGALMENTE NOS ESTADOS UNIDOS PELA FRONTEIRA DO MÉXICO

Em busca de melhores condições de sobrevivência, inúmeros brasileiros, dentre os quais se destaca grande quantidade de pessoas nascidas em Minas Gerais, cortam os desertos do norte do México e sudoeste dos Estados Unidos, enfrentando preconceito, perigo de morte e até mesmo a morte de entes queridos ou de terceiros, para alcançar o cobiçado desejo de viver dias melhores.

De acordo com Sales (1999, p. 37)

[...] o fenômeno migratório, desde o momento da decisão de emigrar até conseguir o primeiro trabalho, esconde trajetórias e às vezes verdadeiras epopeias individuais, das quais algumas narrativas desse livro são exemplos ilustrativos. Essas trajetórias individuais seriam simplesmente inconcebíveis não fossem as redes sociais que as sustentam, ainda mais quando se considera o fato de esse tipo de migração envolver a relação entre países, os constrangimentos que isso implica em termos da legislação restritiva do país de destino e a própria história recente dos Estados Unidos em relação às migrações clandestinas.

Assim, a busca por esses sonhos, na maior parte das vezes, implica no uso de estratégias ilegais e até perigosas, na aventura para chegar ao território desconhecido, neste caso, à América dos sonhos.

Em função da assunção dos riscos em jornada tão perigosa na travessia ou até mesmo da vida nova nos Estados Unidos, Werneck (2004) considera os imigrantes brasileiros como corajosos, ressaltando que a aventura de cruzar as fronteiras é reservada aos mais aventureiros e inconformados com as situações de baixas oportunidades, incluindo momentos de crise financeira. O autor, ainda, descreve que os ousados imigrantes demonstram força física e psicológica ao enfrentarem o longo e doloroso percurso. Alguns conseguem chegar ao outro lado da fronteira, vencendo os obstáculos, mas outros infelizmente perdem a luta, ficando pelo caminho ou sendo privados de sua liberdade.

O que se observa então é que nem o risco de morte afasta as pessoas movidas pelo desejo de novas oportunidades em países diferentes. A saga enfrentada pelos que desejam viver como imigrantes foi retratada em cenas do filme “A Fronteira” (2003), de Roberto Carminat, que denunciou o fato de que muitas coisas acontecem ao arrepio das normas internacionais de direitos humanos, uma vez que muitos desses aventureiros são mantidos em cárcere privado pelos coiotes e somente liberados quando chegada à hora exata de cruzar a fronteira.

No entanto, este filme não foi a única obra cinematográfica a retratar esse drama, a novela América (2005), de Glória Perez, passou a fazer parte da indústria cinematográfica e televisiva, bem como retratou, por meio de cenas fortes, os fatos e acontecimentos ocorridos durante a travessia, seja em longas distâncias percorridas diuturnamente a pé, no calor escaldante do dia e no frio intenso da noite, seja enfrentando o rio Bravo, em botes infláveis, guiados de forma insegura pelos coiotes. Cabe aqui esclarecer o significado do substantivo coiote, que no senso comum são

vistos como verdadeiras quadrilhas que exploram as rotas de ingresso em outros países, em regiões de fronteira.

Segundo Sales (1999) entende-se por coioite como sendo o intermediador de migrantes que buscam estabelecer residência em outro país sem a documentação necessária. O termo é muito utilizado no México, onde os coioites se atribuem a função de atravessar as pessoas pela fronteira, com destino aos Estados Unidos.

No entanto, a ação desses atravessadores não se limita ao momento da travessia. No Brasil, conforme o delegado regional executivo da Polícia Federal, Umberto Ramos Rodrigues, em notícia veiculada pelo G1, pela repórter Paula Rezende (2015). A Polícia Federal montou a Operação Coioite, que teve por objetivo investigar uma grande organização criminosa suspeita de levar cerca de 150 brasileiros ilegalmente para os Estados Unidos, movimentando um montante de R\$ 3,5 milhões em dois anos.

A matéria esclareceu, também, que havia imigrantes dispostos a pagar de 15 a 30 mil reais para entrarem nos EUA, valor que estaria relacionado com a maneira que a pessoa desejava tentar entrar no país norte-americano.

Inclinando-se, mais uma vez, para o tema, Sales (1999) descreveu que, ao iniciar seus trabalhos para a pesquisa realizando entrevistas com grupos, ela vivia cada etapa com os imigrantes, pois o que eles narravam com mais enfoque era o momento da travessia, relatando com detalhes os longos e intensos momentos de medo, insegurança e tensão. Tudo o que aconteceu foi muito marcante na vida de cada um, deixando assinaladas datas, anos, até mesmo horas, de forma quase permanente, tornando-os naquele instante uma pessoa diferente daquela que deixou seu país.

Na realidade, esses aventureiros indocumentados tinham, também, que conviver com o medo de serem presos e deportados, já que inúmeras eram as ações das polícias de fronteira, sendo certa a captura de muitos.

Tudo isso, também é noticiado em periódicos de fácil acesso. Recentemente, uma matéria veiculada no Guia do Estudante (2014, p. 82) com o título de “**História** das Grandes Navegações aos muros do século XXI” (grifo nosso), confirma o que foi dito, conforme transcrito a seguir:

No século XXI, em plena era de avanços tecnológicos, os países ricos têm

recorrido a um método milenar para evitar a entrada de estrangeiros indesejáveis: os muros. São barreiras fortificadas e fortemente vigiadas, presentes em locais como a fronteira entre o México e os EUA [...].

Nos Estados Unidos, o muro começou a ser construído em 2006, no governo do então presidente George W. Bush. Ele objetiva fechar a passagem nos trechos secos (sem rio) dos mais de 3 mil quilômetros de fronteira com o México, o equivalente a cerca de 40% da divisa. Ainda não totalmente construída, a barreira conta com sofisticadas câmeras infravermelhas, aviões pilotados a distância e milhares de agentes de fronteiras, em veículos terrestres e por helicópteros.

Assim, essas pessoas que sonham com um mundo melhor e mais oportunidades na vida, acabam sujeitas ao controle dos coiotes, que cometem atrocidades com as próprias pessoas que se diziam querer ajudá-los, assim como passam por momentos de sede, fome, abuso sexual, dentre outros.

De acordo com Sales (1999) a situação torna-se tão crítica que as pessoas, enfraquecidas pelo cansaço ou atingidas por serpentes venenosas, ficam a espera do óbito ou tem suas vidas retiradas pelos próprios coiotes, pois na medida em que perdem suas forças para acompanhar o grupo, eram impedidas de prosseguir.

Percebe-se, então, que longe do prometido pelos coiotes, os emigrantes, ao deixarem o seu país de origem, lutam contra o tempo, tendo que usar recursos, possíveis e impossíveis, em defesa da sua própria vida, pois não é nada fácil sobreviver nesta aventura.

Com isto, o instinto de sobrevivência acaba levando os sujeitos a um comportamento individualista, no qual se sobressai à prática do ditado popular “cada um por si e Deus por todos”, na medida em que esses indocumentados se defrontam com a realidade nua e crua.

Sendo, assim, só restam duas alternativas a esses aventureiros: vencer a pesada trajetória ou fraquejar diante dos obstáculos a eles impostos no decorrer da travessia.

Em que pese essa triste realidade, mesmo para aqueles que conseguem êxito na travessia, os problemas e preocupações ainda não chegaram ao fim, pois sem documentação e com dificuldades de comunicação devido ao pouco domínio da língua estrangeira, praticamente sem recursos, inicia-se uma nova luta: ficar a salvo da fiscalização (imigração), e/ou permanecer no país e encontrar um emprego, nunca, porém, deixando de acreditar que o seu futuro seria mais promissor nos Estados Unidos, mesmo diante de tudo de tudo que já passou e que poderia ainda

passar.

2.3 A VIDA ILEGAL NOS ESTADOS UNIDOS: SONHO OU PESADELO?

Sobreviver, por anos, nos Estados Unidos de forma clandestina é desafiador por si só. Quanto a isso, se somam as marcas deixadas pelos percalços da travessia que permaneceram vivas na mente de cada imigrante, o sonho pode não ser tão doce, às vezes transformando-se em pesadelo contínuo.

Dessa forma, pode-se dizer que os ilegais, aqui especificamente os brasileiros mineiros, passaram a conviver, dia e noite, com o medo de serem presos e deportados. Medo, que os tornaram pessoas desconfiadas, inseguras e frágeis.

Esse sofrimento, conforme anteriormente descrito, é agravado por outros elementos tais como as diferenças culturais e as barreiras da língua, levando o imigrante ilegal, ao sofrimento em terras distantes, incluindo aí processos de somatização.

Entre os elementos que dificultam a permanência desses imigrantes está a xenofobia, ou seja, processo de rejeição ao que não é nacional, algo que vem de fora.

De acordo com Bauman (2012) a xenofobia está ancorada em preconceitos ligados ao desconhecimento de algo ou a um conhecimento limitado, deturpado. No caso dos imigrantes existe um contexto que predispõe as pessoas ao seu desenvolvimento, uma vez que os nativos do país no qual estão se assentando os imigrantes não os conhecem e aos seus costumes. Além disso, há o medo de repartir a riqueza de tal modo que todos fiquem mais pobres, sobretudo devido à precariedade das políticas com o fim de integrar esses imigrantes à população local.

Contextualizando a expressão, o Guia do Estudante (2014, p. 73) explica que o fluxo da migração, de modo geral é definido por fatores políticos, sendo que houve um conjunto de “[...] decisões adotadas por vários países desenvolvidos, mesmo antes da crise de 2008, de tornar cada vez mais restritivas as regras para a entrada de estrangeiros vindos de nações pobres”. O texto destaca que as exceções são abertas aos casos que interessam à nação que está recebendo essas pessoas, com destaque para os “[...] trabalhadores altamente qualificados”, uma vez que

As diferenças culturais e a concorrência por postos de trabalho entre os habitantes dos países e os imigrantes têm gerado tensão nos países ricos. Fronteiras européias e norte-americanas passaram a ser protegidas por muros e cercas, vigiados por câmeras e guardas.

O texto ainda ressalta a questão da circulação das pessoas entre os diversos países decorrente do processo de globalização. Nesse sentido,

Governos e instituições multilaterais, como a ONU, defendem que, no mundo atual, não haja barreiras para o livre fluxo de capitais. Dizem que o comércio deve funcionar sem fronteiras, para permitir a todas as populações os acessos aos mais modernos produtos e serviços. Empresas se deslocam pelo planeta em busca de mercados de trabalho com menor custo, nos quais possam lucrar mais. Esse livre trânsito, no entanto, é cada vez menos permitido para as pessoas, que enfrentam barreiras e não têm a mesma liberdade para escolher o país no qual queiram morar e trabalhar – muitas vezes, nem ao menos viajar de férias (GUIA DO ESTUDANTE, 2014, p. 73).

Ressalta-se, que, por si só, o sentido de xenofobia predispõe que haverá, de forma, própria, distanciamento entre pessoas. Sobre essa temática, Horcaio (2006, p. 1097) afirma que o sentido dispõe de preconceito em relação às pessoas, neste caso, em especial aos imigrantes e o que está ligado a eles, tendo o mesmo significado que xenofobismo.

De acordo, ainda, com o Guia do Estudante (2014) esse xenofobismo tem se configurado nas medidas de combate à imigração. No caso dos EUA é fato que no governo Obama, o imigrante ilegal tem enfrentado grandes dificuldades. Apesar de o atual presidente agir na linha dos democratas, ainda não conseguiu romper com o legado de ameaças deixado por seu antecessor George W. Bush, republicano.

Uma reforma migratória, proposta por Obama, está parada no Congresso, por obstrução da oposição republicana. Em meio a uma séria crise de 50 mil crianças centro-americanas desacompanhadas (*veja na pág. 79*), o presidente ameaça legislar sobre a questão por decreto. No entanto, estima-se que o governo de Obama já deportou quase 2 milhões de imigrantes – mais do que qualquer outro presidente anterior. Em 2012, o número de imigrantes ilegais nos EUA era calculado em 11,7 milhões de pessoas (GUIA DO ESTUDANTE, 2014, p. 77).

O que se vê então é que os imigrantes ilegais que residem nos EUA, incluindo milhares de brasileiros, enfrentam incertezas, medos e angústias que abalam consideravelmente a rotina da sua vida cotidiana e a sua psique.

Mas, não há como fugir desses sentimentos, uma vez que eles precisam se inserir na sociedade, sobretudo por meio do trabalho, o que os leva a fazer escolhas sobre os fatores que irão enfrentar, destacando-se, no caso, a condução de veículo automotor nos Estados Unidos e o trabalho de limpeza doméstica.

Sabe-se, que muitos dos brasileiros mineiros que vivem nos Estados Unidos, se

encontram sem a carteira de habilitação exigida para trafegar na condução de veículo automotor, seja porque não possuem a carteira internacional ou a brasileira, seja, porque a sua carteira de habilitação brasileira não é aceita pelas autoridades americanas, ou quando aceitas já estão com a validade expirada.

Esta situação expõe, diariamente, o imigrante ilegal, que necessita, para a sua vida diária, utilizar veículo automotor, não para a sua comodidade, mas para enfrentar as inúmeras situações de trabalho que exigem uma rotina diária cansativa com mais de 12 horas de trabalho.

Viver ilegalmente em um país estrangeiro, de modo geral, impõe às pessoas experiências conflitantes, uma vez que em oposição aos anseios e desejos de uma nova vida, novas oportunidades, os imigrantes vêm também diante das

[...] rupturas nos laços familiares, afectivos, lingüísticos, simbólicos, constitutivos da pessoa [...]. Isso quer dizer que sua condição “[...] comporta um mal-estar e um sofrimento evidentes que precisam ser, num primeiro momento reconhecido, para poderem ser, num momento seguinte, situados nos devidos contextos particulares de vivência dos seus protagonistas. (LECHNER, 2007, p. 79).

Fica evidente, então que seu cotidiano é marcado pela incerteza, pela sobrecarga de trabalho, pelo deslocamento de si, dentre outros elementos, a partir dos quais surgem reações intensas em resposta ao acontecido.

Essas reações são denominadas emoções e, conforme Bock, Furtado e Teixeira (2008, p.167) constituem-se em:

[...] expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo, em resposta a um acontecimento inesperado ou, às vezes, muito aguardado (fantasiado) [...]”. Essas emoções apresentam uma relação entre a psique e o corpo, configuradas em processo de somatização que passa a apresentar modificações tais como: “[...] distúrbios gastrointestinais e cardiorrespiratórios, sudorese, tremor”.

Outras reações orgânicas acompanham as emoções e revelam vivências ou estados emocionais do indivíduo: tremor, riso, choro, lágrimas, expressões faciais etc. As reações orgânicas fogem ao nosso controle. Podemos “segurar o choro”, mas não conseguimos deixar de “chorar por dentro”, sentindo aquele nó na garganta. Às vezes até tentamos, mas não conseguimos segurar duas ou três lágrimas que escorrem, traindo-nos e demonstrando nossa emoção.

[...]

Todas essas reações são importantes descargas de tensão do organismo emocionado, pois as emoções são momentos de tensão em um organismo, e as reações orgânicas são descargas emocionais.

Considerando esses aspectos, na condição de imigrante, qualquer observação, manifestação e atitude realizada por autoridade policial pode ser motivo de

ansiedade, de preocupação. Isso porque é muito frequente a abordagem policial no que se refere à condução de um veículo automotor, seja por excesso de velocidade, ou, por qualquer evento fora dos procedimentos adequados, como por exemplo: estacionar em local proibido ou colisão na condução de veículo, ou, ainda, dirigir falando ao celular.

Qualquer situação que envolva assunto correlato à polícia já os deixa apreensivos, não só por terem que lidar com os fatos em si, mas, sobretudo por estar diante da polícia americana cujos procedimentos levam os envolvidos às cortes de justiça, momento no qual duas situações distintas podem acontecer: a) obterem o *workpermit* (permissão de trabalho) e conseqüente pagamento da multa, ou b) serem deportados de imediato.

Por fim, Achotegui, citado por Batista e Brandes (2010, p. 36) revela que o imigrante ilegal tem muito medo de ser preso e deportado, sendo esse o motivo que desencadeia cruéis reflexos psicológicos para o adulto que imigrou ilegalmente para Estados Unidos.

Medo. Sabe-se que diversos emigrantes se arriscam nas fronteiras do México com os EUA movidos pela cultura de emigração, fortemente presente na microrregião de Governador Valadares. As experiências vividas no trajeto colocam em jogo a integridade física do indivíduo e deixam marcas, tanto fisicamente quanto psicologicamente. Além disso, durante o tempo de emigração enfrenta constrangimentos por não dominar a língua, o medo de ser preso e deportado.

Deste modo, verifica-se que, a partir da ótica de um adulto deportado dos Estados Unidos, a experiência e as emoções diante do processo de deportação são prejudiciais à vida humana, trazendo conseqüências psicológicas devastadoras ao indivíduo, que foi obrigado a sair do país que ele próprio teria escolhido para viver e trabalhar.

Esses aspectos são descritos ainda por Lechner (2007, p. 81) em termos dos sentimentos de desterritorialização e mal estar existencial dos imigrantes. Isso por que:

Enquanto experiência identitária, a migração sublinha as zonas de fronteira de pertença dos migrantes, e revela um diálogo incorporado ou vivenciado por cada um, “uma contra-dicção” entre ser e estar. O que nos leva a uma terceira via de compreensão do sofrimento dos migrantes: nem em fusão com os espaços territorializados das pertencas e respectivas memórias, nem em oposição a eles, as identidades daqueles que imigram revelam de forma paradigmática a natureza processual e a vocação simultânea de estrutura e acaso das configurações identitárias.

Por fim, ressalta-se o relato de Sales (1999, p. 147) sobre o que chamou de “legitimidade da condição clandestina”, alegando que

[...] os imigrantes indocumentados não são clandestinos, no sentido de se contraporem às leis vigentes, mas sim excluídos dos direitos a que deveriam fazer jus. Sociologicamente, poderíamos então dizer que eles estão em situação de ilegalidade, mas não de ilegitimidade [...].

Tais argumentos são reforçados pelo fato de que eles se constituem membros da comunidade, frequentando uma igreja e tendo um negócio próprio, no qual trabalham arduamente. Quanto a não pagarem impostos, isso só ocorre devido à sua ilegalidade em termos de permanência e não devido às suas características como pessoa, como ser humano, que de uma forma ou de outra está contribuindo para o crescimento da comunidade local.

Ora, diante de tudo o que foi exposto, percebe-se, claramente, que a deportação vai de encontro aos anseios de vida melhor do indocumentado, que apesar dos horrores vividos na travessia, da vida difícil nos Estados Unidos, às vezes até com filho de nacionalidade americana, do não envolvimento com atividades criminais, do extenso tempo na América, do trabalho realizado para americanos, não lhe é consentida a sua permanência.

De acordo com Pussetti (2010, p. 94) “As condições particularmente duras da migração contemporânea são consideradas como propícias a um aumento exponencial de psicopatologias”.

A partir de leituras diversas a autora considera que o processo migratório, além de ser arriscado,

[...] reúne sete elementos de perda: da família e dos amigos, da língua, da cultura, da casa, da posição social, do contacto com o grupo étnico e religioso. Esta série de perdas é vivenciada como um luto e sempre acompanhada por uma maior vulnerabilidade aos transtornos mentais e/ou às perturbações emocionais (PUSSETTI, 2010, p.96).

Assim, os reflexos psicológicos advindos da deportação são evidentemente danosos, sendo difícil precisar se, e quando será superado algum dia.

2.4 O PROCESSO DE DEPORTAÇÃO

O tema objeto de estudo desta pesquisa envolve novamente alguns outros conceitos que são afetos à área do direito, tais como extradição, expulsão, deportação e retorno.

Esclarecendo esses vocábulos, Bussolo (2013) diz que o significado de cada um deles tem uma dimensão semelhante, mas ao mesmo tempo apresenta alterações que estão relacionadas à história e políticas de cada país. O Quadro 02 apresenta as diferenças entre os quatros vocábulos.

Quadro 02 – Diferença entre conceitos

Vocábulo	Significado
Extradicação	“[...] é o ato mediante o qual um Estado entrega a outro Estado indivíduo acusado de haver cometido crime de certa gravidade ou que já se ache condenado por aquele, após haver-se certificado de que os direitos humanos do extraditando serão garantidos”.
Expulsão	Consiste em um ato administrativo que resulta proibição do sujeito envolvido voltar ao território daquela nação. Tem caráter punitivo. É aplicada sobre pessoas que praticam ações consideradas nocivas ao país, quer social, política ou economicamente.
Deportação	“[...] é a determinação de saída compulsória de estrangeiro que ingressou de modo irregular no território nacional ou que, apesar da entrada regular, sua estadia encontra-se irregular”.
Retorno	O retorno se dá quando o imigrante ilegal é detido durante o processo de imigração, ao atravessar a fronteira.

Fonte: Elaborado a partir de Bussolo (2013, p. 1)

Ademais, é cediço, que nos Estados Unidos o responsável pelos processos de deportação é a Secretaria do Departamento de Segurança Nacional, cujo representante maior, em plena conferência à imprensa, afirmou que dados preliminares revelavam que naquele ano haviam sido deportadas 392.000 pessoas, o maior contingente de toda a história dos EUA. Afirmou, ainda, que cerca de 50% desses deportados foram classificados como estrangeiros criminosos, em situação irregular nos Estados Unidos. (DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY, 2010)

O Departamento de Segurança Nacional utiliza uma classificação de três níveis de gravidade da criminalidade para deportação de estrangeiros. O Nível 1, de mais alta periculosidade, o que inclui pessoas que foram presas por terem cometido ofensas graves relacionadas com drogas ou crimes violentos, como por exemplo, assassinato, homicídio não premeditado, violação, roubo com uso de força e intimidação e sequestro. No Nível 2 estão os estrangeiros que se declararam culpados e foram presos por ofensas menores, relacionadas a drogas e delitos contra a propriedade, como o ingresso ilegal em uma propriedade para cometer um crime, roubo não violento, fraude e lavagem de dinheiro. Por fim, no Nível 3 se encontram os estrangeiros que foram presos por outras ofensas (DEPARTMENT OF

HOMELAND SECURITY, 2013).

Segundo Alarcón e Cardenas (2012) as deportações nos Estados Unidos entraram em uma nova fase, a partir de 2002, quando o Departamento de Segurança Nacional começou a programar medidas estabelecidas na Lei de Reforma da Imigração Ilegal e Responsabilidade do Imigrante. Dessa forma, o Setor de Alfândega e Imigração passou a fiscalizar e deter imigrantes ilegais dentro do país, aliando esforços com a Patrulha da Fronteira, uma vez que ambas as agências pertencem ao Departamento de Segurança Interna, fundada em 2003, após o ataque às torres gêmeas.

Os autores registram, ainda, que o Programa de Comunidades Seguras foi concebido com o propósito de identificar estrangeiros indocumentados entre as pessoas que estão cumprindo penas nas prisões das cidades e estados, a fim de promover a deportação aos seus países de origem, tão logo cumpram a pena, exatamente no momento de sua soltura. Além disso, há também o Programa de Fugitivos, que teria como atribuição perseguir aqueles imigrantes ilegais com Carta de Deportação concluída, tendo por finalidade levar a termo a efetiva saída dos Estados Unidos.

As pesquisas realizadas pela Casa do Imigrante, em Tijuana, no México, mostram que no ano de 2012, as pessoas foram deportadas por razões diversas, incluindo infração de trânsito, detido em inspeção rotineira da polícia, por terem ordem de prisão decretada ou por terem sido surpreendidos cometendo um ato ilegal (ALARCÓN; BECERRA, 2012).

Ademais, de acordo com o Departamento de Segurança Nacional (2010) dos EUA foram deportados em 2010 um total de 481 brasileiros considerados criminosos e 2.709, não criminosos. (DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY, 2010)

2.5 OS PRIMEIROS MOMENTOS DO DEPORTADO EM SUA TERRA NATAL

Todo brasileiro ilegal deportado, seja de qualquer país, deveria conhecer o Portal do Retorno, criado para ser uma das políticas públicas voltadas para o deportado, com a função de promover inúmeras medidas estruturante nesta área, ao oferecer

soluções de amparo à pessoa do deportado, no sentido de melhorar a sua readaptação, o seu crescimento psicológico e a sua estabilidade emocional.

No site do Ministério das Relações Exteriores (MRE) encontram-se disponíveis, no ícone “Serviços”, da página inicial, muitas orientações aos interessados, tendo por destaque o conteúdo descrito na aba “Serviço Consular”, especialmente em relação ao Portal do Retorno.

O Portal do Retorno é voltado ao cidadão brasileiro residente no exterior que tenha decidido voltar definitivamente ao Brasil, fornece informações detalhadas sobre providências documentais que devem ser tomadas antes e depois do retorno ao Brasil, instruções sobre transporte de bagagens e processo de mudança, orientações acerca do mercado de trabalho brasileiro, além de dados sobre os sistemas previdenciários e de saúde locais. (MRE, 2014).

A propósito, objetivando relacionar os serviços prestados, no Brasil, pelas organizações e entidades assistenciais de apoio ao deportado, é importante registrar que o MRE descreve um rol extenso dos serviços, a saber: “serviços de orientação jurídica, integração do imigrante, proteção a mulheres e crianças, assistência psicológica e auxílio a presos, entre outros.”

Ademais, a seleção das instituições que oferecem serviços de assistência a emigrantes, no Brasil, é aberta a todos, pois são entidades sem qualquer ligação ou vínculo oficial com o governo brasileiro (MRE), tendo sua independência garantida, nos limites da lei.

Ao todo, no site do MRE, estão relacionadas 24 organizações que prestam assistência aos emigrantes no Brasil. Dentre outras, destacam-se: 1) Posto de Atendimento Humanizado aos Migrantes; 2) Psicóloga Online – Daniela Rocha Lopes e 3) SOS Direitos.

Neste sentido, percebe-se que as estratégias de enfrentamento às deportações oferecidas pelas organizações e entidades assistenciais brasileiras funcionam, para tentar proporcionar ao recém deportado estabilidade emocional, tanto que foi desenvolvido, no ano de 2010, o “Guia de Retorno ao Brasil”, pela Divisão de Assistência Consular do MRE, apresentando informações úteis sobre serviços e programas de acolhimento, podendo ser considerado um mecanismo de ajuda na readaptação, no crescimento psicológico e na tentativa de estabilidade emocional do deportado.

Com o passar dos anos, é perceptível que o imigrante ilegal, diante da sua rotina

nos Estados Unidos, passa a ficar cada vez mais descrente com a possibilidade da deportação, mesmo sabendo que isto poderia acontecer algum dia e a qualquer momento.

A respeito dessa rotina, Sales (1999, p. 154), contribuiu acertadamente, destacando que:

E ele assim argumenta: sim, aqui eu estou indocumentado, mas isso não me impede de ter meus filhos na escola (não poderia no Brasil dar a eles o estudo que dou aqui); de ter assistência médica sempre que precisar (aqui ninguém pergunta se tenho dinheiro pra pagar a consulta ou internação em hospital, primeiro cuidam e depois vão ver como pagar e se pode pagar); de ser bem tratado em todas as lojas, bancos, repartições públicas; de ser considerado dignamente em um trabalho que no Brasil é em geral espezinhado e mal pago. Essa comparação que o imigrante brasileiro faz entre esses “direitos” aqui e a falta desses direitos no Brasil são outro argumento importante que vem jogar água no moinho da legitimidade de sua situação clandestina. E mais: que contribui também decisivamente para definir suas expectativas temporais, no sentido de uma maior permanência nos Estados Unidos, país onde, não sendo um imigrante documentado e muito menos um cidadão americano, ele se percebe com mais direitos do que os que auferiam como cidadão brasileiro.

Contudo, o resultado do processo de deportação é sempre danoso, porque, apesar de conviver com o medo de ser preso e deportado, o imigrante ilegal nunca acredita que, algum dia, isso poderia acontecer com ele – tamanha falta de sorte –, e o deportado passa a ser agora, ele próprio (eu estou sendo deportado). Assim, não se trata mais do problema de outra pessoa, mas de algo que lhe dói na própria carne.

Ademais, quem retorna ao país de origem não espera que a cidade natal tenha sofrido drásticas mudanças em relação ao comportamento familiar, econômico, social e cultural, para o retornado tudo estaria como antes. Deste modo, Batista e Brandes (2010, p. 17) corroboram o pensamento, quando afirmam que:

Os chamados retornados levam consigo uma imagem estática de sua cidade natal, sem considerar as mudanças no âmbito econômico, político e social, que ocorreram ao longo dos anos que esteve fora. Assim, ao retornar, buscam encontrar os mesmos costumes, economia e valores do tempo em que deixaram a cidade rumo aos EUA.

No mesmo sentido, reforçando esses argumentos, Cerezer, citado por Batista e Brandes (2010, p. 17) descreve que os retornados acabam por se tornar estranhos em sua terra natal.

[...] ao voltar e ter contato com um lugar que inicialmente eles achavam que conheciam e sentia falta, quando nos Estados Unidos, percebem que agora não o reconhecem mais, tornaram-se estrangeiros na sua própria casa, pois já não se incluem àquela velha rotina. A grande expectativa do retorno muitas vezes se transforma em decepção [...].

Por outro lado, a visão de Siqueira, citado por Batista e Brandes (2010), conduz a um olhar diferenciado, que parece, diante da situação de deportado, muito útil. Para o autor, o retorno do imigrante ilegal à terra natal, depois de longo tempo de afastamento, coloca-o em uma sensação de não pertencimento às suas origens, o que permite acrescentar que a cidade mudou, mas também mudou o olhar do imigrante em relação ao contexto global (no âmbito familiar, econômico, social e cultural) de sua terra natal.

Para Lane (2001, p. 11-12) o indivíduo interage em um meio físico

[...] sendo que os processos psicológicos (o que ocorre “dentro” dele) são assumidos como causa, ou uma das causas que explicam o seu comportamento. Ou seja, para compreender o indivíduo bastaria conhecer o que ocorre “dentro dele”, quando ele se defronta com estímulos do meio. (destaque do autor)

Assim, a condição social, histórica e cultural, termina por impactar a própria identidade, pois cada indivíduo reúne em sua consciência: julgamentos, ações e relações sobre si mesmo.

Corroborando o pensamento, Maculet (2010) volta seu olhar para o sujeito do processo de deportação, lembrando que

Essa é a posição do imigrante, essa é a pessoa do imigrante, que vai muito além das estatísticas. Uma pessoa que não sabe como estão as avenidas que ouve falar que estão sem as árvores que ele conhecia que estão sem memórias, sem as raízes, sem árvores em suas recordações, sem territórios culturais, sem visibilidade, sem ser ator de sua história e de sua vida.

No mesmo sentido, Fernandes Duval (2014) – que nos últimos anos dedicou a estudar a experiência de brasileiros retornados de Portugal, Espanha e Estados Unidos – declarou, em entrevista à jornalista Lígia Guimarães, do Jornal Valor Econômico, que há grande dificuldade de adaptação das pessoas que retornaram, devido ao choque local, encontrando dificuldades de adaptação e trabalho, pois os locais onde os ilegais viviam nos Estados Unidos ofereciam de certo modo, condições de vidas melhores e acesso as informações com facilidades (GUIMARÃES, 2014).

Assim, considera-se que mesmo em situação de tensão no exterior, com o medo de ser preso pelo setor de imigração, é preciso considerar que, de modo geral, o imigrante ilegal, em sua concepção, parece viver em melhores condições do que no seu país de origem.

2.6 O DEPORTADO EM SUA TERRA NATAL: UM SUJEITO EM CONFLITOS E TRANSFORMAÇÕES

O imigrante ilegal, desde o momento de sua detenção, passa a viver um pesadelo que o coloca em uma situação de perda, que pode ser analisada a partir do modelo de luto elaborado por Kübler-Ross (1996).

De acordo com essa construção teórica há cinco estágios, a saber: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Como visto anteriormente, no momento em que o imigrante ilegal é detido, vive o estágio da negação, que segundo Kübler-Ross (1996, p.51) trata-se da negação veemente do ocorrido. O sujeito passa a buscar justificativas para ele próprio crer, que o fato não pertence à sua vida: “não, eu não, não pode ser verdade”. Assim, busca meios de se defender, justificando cada ato do seu viver naquele país, mesmo sabendo que ali se encontra de forma ilegal, portanto, sujeito as promessas da lei. Recursos financeiros são então gastos com advogados para constituição de argumentos e provas, a fim de livrar-se da detenção. Há um sentimento de revolta contra o Deus de sua crença e as pessoas ao seu redor.

Em seguida, vem o Estágio da Raiva, no qual o sujeito reconhece que ele é o protagonista da ação, fazendo afirmativas com o seguinte teor: “Pois é, é comigo, não foi engano” (KÜBLER-ROSS, 1996, p.63).

Diante da impossibilidade de manter o estágio da negação o sujeito “[...] ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento. Surge, lógica, uma pergunta: “Por que eu?”” (KÜBLER-ROSS, 1996, p.63).

Para a autora, é extremamente difícil viver este estágio, porque a raiva é projetada de forma emocional, não tendo um objeto específico de direção. O sujeito a envia não só ao ambiente como um todo, como também a quem se encontra no seu convívio naquele momento. Dessa forma, pode-se dizer que o deportado, já em seu país de origem acaba por tornar a situação ainda mais difícil, ao sentir raiva de ter sido obrigado a ele voltar. Esse sentimento é também dirigido aos familiares e amigos mais íntimos, que são os primeiros a fazer o seu acolhimento. “A esta altura, o paciente sempre se queixa, para onde quer que se vire” (KÜBLER-ROSS, 1996, p.65).

Aqui, a autora, no terceiro estágio descreve que a barganha não é tão conhecida quanto os demais estágios. Porém, apesar disso tem sua função para o sujeito, mesmo que ele tenha uma curta duração. Trata-se de buscar uma nova forma de viver o problema, sobretudo na tentativa de fazer trocas que o coloquem na situação anterior.

No caso do deportado, uma vez admito seu retorno e vivenciada a raiva, começa a pensar em diferentes maneiras de voltar ao país no qual se encontrava. Passa então a imaginar formas de enganar o sistema para efetivar seu retorno, uma vez que pelas vias legais não conseguirá fazê-lo. Obviamente que a barganha aqui não se dá com o outro, mas consigo mesmo, pois passa a negociar com seus próprios valores. Nesse caso, pode aceitar ficar no seu país por um tempo, até que consiga programar suas ideias de retorno. Admite que a situação seja ruim, mas que encontrará uma solução que o colocará em novo status.

Em relação ao quarto estágio, a autora debate sobre a depressão, que surge no momento em que a debilidade física é reconhecida pelo paciente. Uma vez que negar, agredir e se revoltar e tentar barganhar não surtiu efeito, surge um sentimento de grande perda. Trata-se de uma dor psíquica que tem por base a realidade percebida, a consciência de que o sujeito nasce e morre sozinho. Assim, a depressão surge no formato de quadro clínico com características de desânimo, desinteresse, apatia, tristeza, choro, etc.

No caso do deportado, a situação parece similar, mas para ele, a barganha parece se acumular com a depressão. Impossibilitado de programar de imediato seu processo de retorno, conforma-se com a situação que julga temporária, mas ao mesmo tempo, o sentimento de impotência pode levá-lo a um quadro depressivo.

No quinto e último estágio, autora denominou de aceitação, ou seja, quando não mais experimenta o desespero ou nega sua realidade. Surgem, portanto, momentos de repouso e serenidade. Em relação a esse estágio a relação com a situação do deportado fica mais fraca, pois se sabe que ele, dificilmente aceitará permanecer no seu país, tentando emigrar novamente. Caso ele não consiga seu intuito de viver novamente no exterior, discute-se a possibilidade do quarto estágio ter um longo período de duração, podendo, no máximo, passar a viver uma vida desmotivada, sem alegria, ainda inconformada com a situação.

Neste sentido, a pessoa carrega em cada nova fase da sua vida, as marcas do que era antes, portanto, aquele brasileiro imigrante nos Estados Unidos nunca será o mesmo que saiu do Brasil, embora permaneça brasileiro no sangue.

Pode-se falar então em processos de crise de identidade e de identificação, ou seja: Quem sou eu? Que país é esse? Quem eu sou nesse país?

Cabe então falar do conceito de identidade e identificação em suas relações com o país no qual o deportado se encontra, sendo para Vogt (2015, p. 5)

A identidade tem a ver com a ideia de singularidade e unicidade [...]. Já a identificação, que pode ser tanto com um objeto, com uma pessoa, ou então com algumas características destes objetos ou pessoas, é um processo pelo qual o(s) indivíduo(s) se transforma(m) de acordo com um determinado modelo.

No entanto, na atualidade, admite-se, também, que a identidade seja um processo construído em meio às suas relações sociais. Logo, ela poderá acontecer em relação aos objetos, fatos, eventos, locais, dentre outros, incluindo grupos étnicos.

Acrescenta-se a tudo isso, que, segundo Ciampa, citado por Bock, Furtado e Teixeira, 2008, p. 80, o conceito de identidade caracteriza o ser humano como sujeito único, identificando-se com o que faz e vive.

Há mais, o autor, também, associa a identidade à própria história do sujeito, o que significa pensar em personagens que “ora se conservam, ora se sucedem, ora coexistem, ora se alternam” logo “as diferentes maneiras de estruturar as personagens indicam modos de produção da identidade” (CIAMPA, 2001, p. 156-157).

Trazendo ao texto a figura do deportado, pode-se imaginá-lo como um ator vivendo diversos personagens: o brasileiro inconformado com seu país; o imigrante ilegal, o deportado e o sujeito despedaçado em busca de um novo sonho, o que encontra suporte em Ciampa (2001, p. 198) quando afirma que “as personagens são momentos de identidade, degraus que se sucedem círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo de progressão e regressão”.

Para esse autor retrocitado, o indivíduo é antes de tudo ação viva, e disso, surgem às personagens, as quais são as manifestações sem caráter científico da identidade. Portanto, nas atividades e nas relações, o indivíduo vai se apresentando e se modificando. Sua identidade é metamorfose.

Logo, o que se percebe é que o movimento do sujeito é de transformação, mantendo uma unidade entre o pensar, o ser e o agir.

Desta forma, o sujeito interage com o meio, não deixando, porém, que a influência, do mesmo meio, torne-o apático, pois essas transformações, provocadas pelas circunstâncias da vida, acontecem de acordo com as condições do pensar, do ser e do agir. A isso, o autor chamou de “mesmidade”. Logo, as determinações externas se colocam entre o indivíduo, que as reconhece e aceita não como uma imposição, mas como um comportamento ativo.

Assim, de acordo com Vogt (2015, p. 26) “[...] ao se abordar a temática da identidade com base em diversos autores que se debruçam sobre o tema, percebe-se uma questão social envolvida.”. Cabendo, então, agora descrever as facetas da identidade social.

Deste modo, para Machado e Kopittke (2002, p. 3) a identidade social é o “[...] fruto de uma interação entre mecanismos psicológicos e fatores sociais. Trata-se de um processo social dinâmico, em contínua evolução, que se constrói por semelhança e oposição”.

Neste contexto, pode-se dizer que esse tipo de identidade está associado à afiliação a um social, possuindo então, um significado maior para o sujeito.

Assim, a convivência, por anos, em um país diferente do seu, afasta a identidade original dos brasileiros imigrantes, pois é grande a instabilidade e a dificuldade de permanência da mesma identidade, se isso fosse possível diante da ação de transformação e metamorfose da identidade.

Acrescentando, Bock, Furtado e Teixeira (2008), esclarecem que o indivíduo não é estático, mas se transforma continuamente. O indivíduo, nessa concepção, é um eterno transformar-se. Aparentemente, continua do mesmo jeito, olhos, cabelos talvez até o peso. Porém, com o mundo social, transformando-se a cada momento. Diante da realidade e do questionamento sobre “quem sou eu”, a resposta às vezes vêm à tona com mais facilidade, outras vezes com mais dificuldade.

De acordo com as vivências, a identidade vai sendo reproduzida pelo indivíduo através de suas idéias e sentimentos, ou seja, a identidade é o resumo de si mesmo onde abriga dados pessoais e qualidades que os outros lhes atribuem, permitindo uma representação a respeito de si.

Logo, toda esta situação de incertezas, fruto do resultado do processo de deportação (determinações externas), afeta diretamente a identidade do indivíduo deportado, pois a dificuldade de readaptação daquele indocumentado, em sua terra natal, está relacionada diretamente com o seu modo de vida anteriormente (convívio com outras pessoas, seus hábitos e costumes, rotina de trabalho e traços culturais), que se distancia, totalmente, da nova realidade em que se encontra agora.

Com isto, inesperadamente, o indocumentado que tinha um modo de vida em acordo com os costumes adquiridos nos Estados Unidos, ao passar pelo processo da deportação, enfrenta várias dificuldades para lidar com esse processo, dificultando e/ou influenciando no processo de construção da identidade. Sendo assim, para Bock, Furtado e Teixeira (2008, p, 212):

É importante que tenha ficado claro que a identidade é um processo de construção permanente, em contínua transformação – desde antes de nascer até a morte – e, nesse processo de mudança, o novo – quem sou agora – amalgama-se com o velho – quem fui ontem, quando era adolescente, criança. É isso que dá o fio da história de cada um, mesmo que, pela aparência, seja difícil de discernir, [...]. Um olhar atento, para além das aparências e dos preconceitos, perceberá que o antigo está no novo.

Contudo, há situações em que esse processo de mudança contínuo ocorre de modo intenso, confuso e, muitas vezes, angustiante e doloroso. Falamos, então, em **crise de identidade**. (destaque do autor)

Prosseguindo, Ciampa (2004) afirma que se podem imaginar as mais diversas combinações para configurar uma identidade como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto uma. Por mais contraditório, por mais mutável que possa parecer, o sujeito sabe quem é, mesmo que se perceba como uma unidade de contrários, uno na multiplicidade e na mudança.

Ainda, Ciampa (2004, p. 68-70) afirma ainda que a história é o pano de fundo da identidade, pois

A história é a progressiva e contínua hominização do Homem, a partir do momento que este, diferenciando-se do animal, produz suas condições de existência, produzindo-se a si mesmo consequentemente.

[...]

Ora, essa expressão do outro “outro” que sou eu consiste na “alterização” da minha identidade, na supressão de minha identidade pressuposta e no desenvolvimento de uma identidade posta como *metamorfose* constante em que toda humanidade contida em mim pudesse se concretizar pela negação [...].

Ou seja: só posso comparecer no mundo frente a outrem efetivamente como representante do meu ser real quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores – deixar de repor uma identidade

pressuposta – ser movimento, ser processo, ou, para utilizar uma palavra mais sugestiva se bem que polêmica, ser *metamorfose*. (Destaque do autor)

É claro então, que a temática da identidade perpassa por muitos aspectos e momentos da vida cotidiana.

Deste modo, todas as problemáticas familiares, econômicas, sociais e culturais advindas do processo danoso de deportação, têm a partir do olhar da identidade sua razão de ser, pois em determinadas situações, como a dos imigrantes ilegais brasileiros, o processo de mudança da sua identidade, acontece segundo relatado por Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 212), “[...] de modo intenso, confuso e, muitas vezes, angustiante e doloroso. Falamos, então, em **crise de identidade**” (destaque do autor).

Assim, essa nova situação vivida, pelo deportado, é habitada por outra mente, porém no mesmo corpo, concretizando-se em intermináveis mutações.

3 METODOLOGIA

Este capítulo foi destinado aos esclarecimentos quanto aos métodos da pesquisa realizada. Segundo Richardson (2011, p. 70)

[...] método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação dos fenômenos. Esses procedimentos se aproximam dos seguidos pelo método científico, que consiste em delimitar um problema, realizar observações e interpretá-las com base nas relações encontradas, fundamentando-se, se possível, nas teorias existentes.

Dessa forma, se buscou explicitar a abordagem da pesquisa realizada; a classificação dos tipos de pesquisa utilizados; a descrição da população alvo de estudo; a amostra; os instrumentos de coleta de dados e informações e o que foi planejado quanto à análise dos dados.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa aborda a temática da deportação de brasileiros, imigrantes ilegais nos Estados Unidos. Seu propósito foi investigar o estado emocional de deportados adultos e as possíveis consequências psicológicas por eles vivenciadas com o retorno rápido à sua terra natal, tudo provocado pelo concreto episódio da deportação.

Em função disso foi necessário refletir sobre a abordagem mais adequada ao desenvolvimento inerente às atividades a serem processadas no campo.

Sabe-se que a pesquisa de campo ocorre de maneira observante e natural, onde serão coletados, por meio de entrevistas, todos os dados necessários, os quais serão gravados e transcritos, objetivando servir de base para os resultados que a pesquisa certamente apresentará. Para Barros e Lehfeld (2007, p. 90), a pesquisa de campo caracteriza de modo que:

O investigador na pesquisa de campo assume o papel de observador e explorador, coletando diretamente os dados no local (campo) em que se deram ou surgiram os fenômenos. O trabalho de campo caracteriza pelo contato direto com o fenômeno de estudo.

Ademais, a função da pesquisa de campo não se resume apenas em observação, coleta e análise exigem do pesquisador um adequado planejamento. Para Andrade (2010, p. 125) “O desenvolvimento de uma pesquisa de campo exige um

planejamento geral e um plano específico para a coleta de dados, bem como um relatório escrito das várias etapas da pesquisa, incluindo os resultados obtidos.”

Segundo Richardson (2011) existe dois tipos de pesquisa, quais sejam: quantitativas e qualitativas.

A partir da temática escolhida, ficou afastado o uso da abordagem quantitativa, razão pela qual utilizou o método qualitativo, já que ficará evidenciado que o uso deste método é mais apropriado e condizente com a presente pesquisa, na medida em que, a totalidade dos relatos e descrições dos indivíduos entrevistados, necessitarão ser compreendidos e analisados, não havendo, deste modo, respostas prontas ou padronizadas. É o que relata Goldenberg (2002, p. 53):

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizados como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los.

Vê-se, portanto, ser esta modalidade a mais condizente com os propósitos encetados, pois como complementa Demo (2000, p. 152) nela se

[...] abandona a representatividade estatística das pesquisas empíricas controladas, bastando a análise de pequeno grupo, por vezes de algumas pessoas apenas, supondo que a representatividade possa ser substituída pela exemplaridade.

Porém, essa classificação em abordagens não se esgota quando se pensa na forma de ir a campo e de tratar os dados coletados. De acordo com Gil (2010) existem diversos tipos de pesquisa que se encaixam em uma ou outra abordagem, ou até mesmo em ambas.

No caso do presente estudo entende-se que ele pode ser classificado como descritivo e bibliográfico.

A pesquisa descritiva se revela como aquela que “[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]” (GIL, 2010, p. 28), que no caso da pesquisa, será ressaltada as consequências geradas no sujeito em decorrência do processo de deportação de imigrantes ilegais nos EUA.

Complementando o conceito, tem-se que para Cervo e Bervian (2002, p. 66) a pesquisa descritiva é uma ferramenta que revela valores de acordo com os registros e observações, aqui não há espaço para o exercício de manipulações, muito pelo contrário, ela, ainda, tentará correlacionar outras questões tão importantes quanto à

essência do próprio conteúdo relatado, mas que no somatório das evidências, apresentam correlações que “[...] ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas [...]”. Cervo e Bervian (2002, p. 66).

Em outra dimensão esclarece Gil (2009, p. 28) que

As pesquisas descritivas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Em outra vertente, pode também ser considerada bibliográfica, que na opinião de Farias Filho e Arruda Filho (2013, p. 64) não se limita, como encontrado nos argumentos de outros autores, aos meios: “Ela é meio, porque permite se chegar até a base teórica, e é fim, porque é por meio dela que serão retirados os dados e/ou informações para serem analisados como forma de apresentar melhor resultados”.

Portanto, ela serviu ao propósito de buscar subsídios para a compreensão da temática em geral, de estruturas conceituais que pudessem subsidiar a elaboração do capítulo de referencial teórico e, também, deste capítulo metodológico.

3.2 CAMPO DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada em Ipaba, Minas Gerais, tendo como escolha dos deportados, o local da sua própria residência. Foram realizados respeitando os dias e horários estabelecidos pelos participantes a serem entrevistados.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Em termos conceituais considera-se a população como o conjunto de elementos que, a princípio, apresentam a probabilidade de terem as respostas ao problema estudado (GIL, 2010).

A amostra, por sua vez, consiste em uma parcela da população que, a partir da qual se podem inferir os resultados obtidos para o todo. Para tanto, necessita ter uma representatividade da população pesquisada (GIL, 2009).

Com relação à composição da amostra, utilizou-se a técnica da bola de neve que segundo Dewes (2013, p. 4)

[...] funciona a partir da indicação por parte de algum indivíduo da população de outros que também fazem parte, e assim sucessivamente, caracterizando-se num formato semelhante ao de uma bola de neve que vai acumulando os flocos de neve ao rolar e se tornando cada vez maior.

No caso dos procedimentos qualitativos, fala-se em amostra por acessibilidade, por saturação, por conveniência, dentre outros.

A amostragem utilizada encaixa-se no conceito de acessibilidade que segundo Gil (2009, p. 94):

Constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.

Atendendo a esses requisitos, os participantes da pesquisa foram escolhidos dentre imigrantes ilegais mineiros que residiram em diferentes estados americanos, e que, atualmente, por força do processo de deportação, moram no Brasil, mas precisamente no município de Ipaba, no estado de Minas Gerais.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A princípio foi realizado o contato com os participantes que residem em Ipaba, região Leste de Minas Gerais, sendo aceitos e agendados com todos para a efetivação da entrevista. O entrevistador viajou durante o final de semana percorrendo a distância de 395 quilômetros, até o local onde residem os entrevistados, sendo concretizada a entrevista individual com horários e locais determinados pelos participantes, respeitando as possibilidades de todos os entrevistados.

Para a coleta dos dados optou-se por realizar as entrevistas em ambiente calmo e tranquilo, de forma a deixar o entrevistado confortável e menos arreado para falar de seus problemas, de sua dor.

É certo que a duração das entrevistas manteve relação com a situação vivenciada por cada participante, bem como com a importância dada pelos entrevistados, pois as respostas fariam vivenciar inúmeras lembranças, positivas ou negativas.

Além disso, é preciso registrar que o procedimento de coleta de dados para a pesquisa bibliográfica se deu por meio do levantamento na rede mundial de computadores (web), por meio da qual foram acessados artigos, livros, teses e textos de sites oficiais. A biblioteca da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo também forneceu materiais para a pesquisa, dentro do mesmo método, ou seja, o levantamento.

3.5 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Dentre os diversos instrumentos para coleta de dados relacionados à abordagem qualitativa, optou-se pela entrevista semiestruturada, cujo roteiro encontra-se no Apêndice A, que faz parte integrante desta pesquisa.

Por meio desse instrumento buscou conhecer as experiências vivenciadas pelos imigrantes, desde o período em que eles decidiram entrar ilegalmente nos EUA, até o momento da deportação, destacando as possíveis consequências advindas com o retorno a terra natal.

Boni e Quaresma (2005, p. 75) consideram que:

O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Conforme defendeu Laville e Dionne (1999), as entrevistas foram realizadas mediante uma ordem estabelecida, priorizando a individualidade e o sigilo das respostas.

3.6 O TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir do roteiro das entrevistas realizadas com os imigrantes ilegais deportados, que foram gravadas, as respostas foram transcritas, analisadas em uma abordagem qualitativa geral e interpretadas à luz dos objetivos delineados.

Ficou claro, que o roteiro de entrevistas teve como desígnio investigar todo o planejamento de ida e todo transcorrer do processo de deportação dos Estados Unidos, como também, a partir dos questionamentos e respostas, avaliar quais foram às conseqüências advindas com o retorno inesperado, o que norteou também a construção do capítulo de referencial teórico que seguiu a mesma organização.

Essa estrutura seguiu parcialmente os procedimentos do que preconiza Bardin (2011) em termos da análise de conteúdo, mesmo não tendo sido ela utilizada. Nesse caso, os dados extraídos da transcrição das entrevistas foram organizados em três momentos, a saber: a) Pré-análise, onde as respostas foram transcritas; b) Exploração do material, sendo todo o material analisado; e c) Tratamento e interpretação do material.

Os textos foram então destacados com lumicolor tendo por referência a seguinte sequência: o significado do processo de imigração para o sujeito; as expectativas frente à nova realidade e as estratégias de enfrentamento.

Essa sequência, por sua vez contempla os seguintes passos: a) suas experiências vividas durante o trajeto e o cruzar das fronteiras; b) vivência em um país que não é seu, e o retorno inesperado sem oportunidade de despedida; c) a difícil adaptação ao local de origem; e d) as conseqüências psicológicas que a deportação causou.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS

O uso de parâmetros éticos foi ressaltado em todo desenrolar das entrevistas e objetivou resguardar o sigilo das informações, na medida em que, os participantes compartilharam voluntariamente mediante prévio consentimento. Isso porque existem normas legais, que limitam o pesquisador, impondo-lhes o dever do sigilo, assim, como, o resguardo da intimidade das pessoas que seriam entrevistadas.

Todos os entrevistados tiveram seus nomes preservados por meio do uso de códigos.

A todos foi feita uma explicação dos objetivos da pesquisa e das condições de sua participação. Para isso valeu-se do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), que fez parte integrante deste trabalho.

Ademais, todos os dados colhidos foram utilizados para atender a uma finalidade acadêmica, sendo, ao final, arquivados tanto as gravações quanto às suas transcrições.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Este capítulo contempla as análises e discussões realizadas a partir das entrevistas com os imigrantes ilegais nos Estados Unidos, que sofreram o processo de deportação.

O Quadro 03 apresenta o perfil dos entrevistados.

Quadro 03 - Perfil dos entrevistados

Nome	Idade que Emigração	Idade Atual	Escolaridade	Est.Civil	Emig	Estado Emigrou	Depor.
E ₁	19	30	7ª série	Solteiro	2004	Filadélfia - EUA	2007
E ₂	39	52	2º grau	Casado	2002	Filadélfia - EUA	2007
E ₃	30	42	4ª série	Casado	2003	Fronteira - EUA	2003
E ₄	34	44	2ª série	Casado	2005	Fronteira - EUA	2005
E ₅	22	37	5ª série	Casado	2000	Filadélfia - EUA	2005
E ₆	33	47	2º grau	Casado	2001	Virginia - EUA	2006
E ₇	24	34	2º grau	Casado	2005	Columbus - EUA	2014
E ₈	22	32	Ens.Superior	Casada	2005	Columbus - EUA	2014

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode notar no Quadro 03, foi, ao todo, realizado oito entrevistas individuais com imigrantes que viveram ilegalmente nos Estados Unidos. A idade variou entre 30 e 52 anos, sendo sete pessoas do sexo masculino e apenas uma do sexo feminino. Dentre eles apenas um é solteiro, portanto, os demais têm família constituída pelo casamento. Em relação ao grau de escolaridade, houve variação, pois, apenas um possui o ensino superior, quatro possuem o ensino fundamental e três o ensino médio. O período da emigração se deu entre o ano de 2000 e 2005. Quanto à localidade na qual se encontravam nos Estados Unidos podem ser citados: três na Filadélfia, um na Virgínia, dois em Columbus e dois que sequer permaneceram na terra americana por terem sido presos na fronteira, em território americano. Por fim, tem-se o ano da deportação que varia entre 2003 a 2014, revelando uma média de permanência de cinco anos.

Ademais, a estrutura está configurada nos seguintes itens: a) o que representou para eles o processo de emigração; b) os reflexos psicológicos e os sentimentos advindos com o processo de deportação; c) os conhecimentos dos imigrantes acerca

de entidades assistenciais brasileiras oferecidas aos deportados; d) qual o apoio que tiveram ao retornar; e, e) as expectativas frente à nova realidade vivida, com o retorno à terra natal.

4.1 SIGNIFICADOS E EXPECTATIVAS DO PROCESSO DE EMIGRAÇÃO PARA O SUJEITO.

As dificuldades vividas durante um período de crise econômica no Brasil, sobretudo no final do século XX, levaram milhares de brasileiros a sonhar com uma vida melhor, na qual estivessem incluídos maiores ganhos, residência de melhor qualidade e acesso ao desenvolvimento e tecnologia para si e seus familiares.

Esse sonho impulsionou muitas pessoas a tentarem a vida em outros países melhor estruturados, levando-os ao processo de emigração, quer pelas vias oficiais, quer pela ilegalidade.

Dentro desse contexto e possibilidades, muitos emigrantes do estado de Minas Gerais acreditaram que os Estados Unidos da América seria o lugar no qual seus sonhos se realizariam, sobretudo em relação ao poder econômico ou talvez a tão sonhada estabilidade financeira.

Esse desejo encontra respaldo em algumas construções teóricas, uma vez que buscam compreender e explicar a necessidade por melhores condições de vida, que segundo Coutinho, Franken e Ramos (2010, p.1) tratam-se

[...] de querer viver bem, e constantemente, vislumbrar novas condições para uma melhoria do cotidiano, de tentar superar as condições mais adversas por outras um tanto melhores. Portanto, a possível conexão causal entre migração e busca de melhores condições de qualidade de vida, tem-se registrado como uma das maiores forças vetoriais na decisão de imigrar.

Considerando as transcrições das entrevistas foi possível identificar diversas verbalizações que auxiliam na construção dessas categorias pré-determinadas, as quais já foram citadas anteriormente e vinculadas aos objetivos específicos deste trabalho.

Segundo E₁ sua vida encontrava-se estagnada, residindo com os pais, sem um trabalho fixo, sem carro, sem condição econômica que pudesse assegurar uma vida digna, tendo apenas o ensino médio incompleto. Jovem ainda, na fase dos 18 anos,

viu-se influenciado por um primo que já vivia nos Estados Unidos há três anos, que lhe reportava com frequência as diferenças culturais e as remessas de dinheiro que fazia para o Brasil. Em sua fala o entrevistado esclareceu que foi seduzido por essas informações, sendo seu foco principal ajudar os pais.

A situação de E₂ tem pontos em comum à relatada anteriormente, mas também se destaca por suas particularidades, uma vez que era casado, tinha um filho e se aventurou sozinho nessa empreitada. À época o Brasil passava por um declínio econômico que reduziu seu poder de compra, vendo-se obrigado a reduzir drasticamente seus gastos, incluindo o investimento que fazia na escola particular do filho. Apesar de ter concluído o ensino médio, trabalhava, no Brasil, como auxiliar de serviços gerais, cujas atividades eram muito pesadas e sacrificantes. Não havia conseguido ainda a casa de seus sonhos, pois morava em um barracão no quintal da residência de sua sogra. Também não possuía meio de locomoção próprio, sendo obrigado a fazer uso de transporte coletivo urbano ou se deslocar a pé, para seus afazeres, incluindo aí, as compras de supermercado. À semelhança de E₁, foi, também, influenciado por alguns primos que já estava nos EUA. Diante das histórias que lhes contava, entusiasmou-se e decidiu lançar a sorte.

O terceiro entrevistado (E3) também sofreu influência de um colega que já havia decidido ir para a América do Norte, tendo ido primeiro que ele. Por não ter recursos para fazer a viagem, conseguiu um dinheiro emprestado, dando a casa que possuía como garantia da dívida. Saiu do Brasil na expectativa de que o colega o ajudaria não só em relação à moradia, mas também em relação ao pagamento da dívida assumida. Somente com a quarta série do ensino fundamental, trabalhando com madeira, até aquele momento só havia conseguido comprar um pequeno imóvel no qual residia. Como os demais, E3 não possuía carro. Diante da situação, mesmo casado e tendo um filho, abriu mão da presença de sua família, de seus afetos e da segurança de seu país, para sair em busca da fortuna, que não veio.

A situação de E₄ foi um pouco mais dramática. Solteiro, com um filho, possuía casa própria, tendo vendido o único bem, para se aventurar na esperança de ganhar dinheiro mais facilmente e ter uma situação melhor. Em suas palavras, “Eu tinha casa própria, vendi a casa para ir para os Estados Unidos e deu tudo errado”.

O quinto entrevistado (E5) não era casado. Morava na casa de seus pais, com a mãe de sua filha. Em função da necessidade de prover a si e a sua família, parou de

estudar na quinta série do ensino fundamental, passando a trabalhar como ajudante de pedreiro. Sem bens materiais de maior porte, foi influenciado por seu cunhado a tentar a sorte em outro país.

Por sua vez, E₆, casado, com dois filhos, com casa própria, diz: “Eu tinha conhecidos nos Estados Unidos e fui convidado por uma pessoa a ir para lá (sic). Como estava desempregado, resolvi ir.”

No caso de E₇ a situação não foi muito diferente das anteriores. Havia cursado o ensino médio completo, mas seu emprego não lhe dava condições suficientes de adquirir um imóvel, razão pela qual morava em uma casa que pertencia aos seus pais. Para fazer frente aos gastos familiares tanto ele quanto a esposa precisavam trabalhar, sendo que aquela vida era muito difícil para o casal. O entrevistado relatou também que foi totalmente influenciado pelo sogro que já vivia nos EUA. Resumindo, transcrevemos abaixo as razões que o levaram a emigrar:

O motivo de ter saído do Brasil, em janeiro de 2005, foi a vontade de vencer na vida, sair fora de tantos problemas (sic) [...]. Eu trabalhava como agente penitenciário, tinha um caminhão que eu usava para fazer pequenos fretes. Eu era casado e tinha um filho de oito meses.

Por fim, E₈ relatou que trabalhava como professora em Minas Gerais nos anos de 2003 e 2004. Casada, com um filho de oito meses, disse que diversos problemas começaram a acontecer no ambiente de trabalho de seu marido. Segundo suas próprias palavras

Nesse mesmo período, meu pai, que já vivia nos Estados Unidos, por quatro anos, de forma ilegal, começou a nos falar de como a vida era melhor por lá e nos chamar para irmos para lá. Nossa decisão foi de ir para os Estados Unidos de maneira ilegal, mesmo sabendo de todos os riscos que iríamos correr.

De modo geral os motivos identificados revelam segundo Cabral e Nick (2006), um comportamento de evitação, que faz com que o sujeito se afaste daquilo que está lhe causando mal, ou seja, evita contato com uma situação indesejável.

4.2 REFLEXOS PSICOLÓGICOS DO PROCESSO DE DEPORTAÇÃO

O processo de emigração para os mineiros configurou-se como a esperança de mudar de vida. Diversos planejamentos e sonhos foram traçados diante da decisão

de emigrar para a América do Norte. No entanto, o sonho não foi duradouro, chegando ao máximo há nove anos e para alguns foram apenas dias.

De modo geral os sentimentos em relação ao processo de deportação podem ser resumidos em poucas palavras, quais sejam: tristeza, depressão, dificuldade de adaptação e mudança de vida.

Sendo assim, para Batista e Brandes (2010), as mudanças ocorridas com os imigrantes desencadeiam quadros depressivos, ansiedade, angústia e outros fatores advindos do processo de retorno ao seu país de origem.

Porém, apesar de pouca diversidade desses sentimentos o processo que a eles deu início foi longo. Eles não surgiram após sua chegada ao Brasil. O sofrimento começou muito antes, durante sua permanência nos Estados Unidos. Isso porque tinham grandes e permanentes preocupações e constante medo de serem apanhados pela imigração, não só em eventos corriqueiros como uma blitz de trânsito, como também em alguma situação que precisassem acionar a polícia.

Assim, mesmo com a rotina longa de trabalho e os poucos momentos de lazer nos quais tinham a liberdade de transitar entre os naturalizados, seu sofrimento emocional se fazia presente, pois a qualquer instante, poderiam ser capturados e deportados. O perigo era iminente e contínuo, até mesmo o som da sirene das viaturas policiais causava muita ansiedade e tensão.

Dessa forma, no momento em que o inesperado aconteceu, quando foram apanhados pela imigração, esses brasileiros ilegais sentiram seu mundo desabar, seu sonho chegar ao fim. Como relata E₅, foi uma “[...] Tristeza danada quando falei comigo que eu ia embora, tristeza [...]”

Em suas entrevistas os deportados relataram que durante a permanência nos EUA, os momentos que mais lhes causaram sofrimentos foram: a prisão e o processo de deportação. Tristeza, humilhação, sentimento de culpa, sofrimento, foram as palavras mais mencionadas nas verbalizações, conforme transcrições a seguir:

“Senti que meu sonho acabou e que destruí o sonho da minha família” (E₈);

“Triste, humilhado, passado pra trás” (E₇);

“Péssimo, me senti pra baixo. Só o psicológico de tá preso, abala muito a gente. (Sic.) [...]” (E₁).

De acordo com Cabral e Nick (2006), o sentimento é algo que está relacionado entre a pessoa e uma situação ou objeto, podendo ser influenciado por elementos mentais ou psíquicos, englobando emoções no afeto.

Considerando as várias situações dos imigrantes ilegais, pode-se dizer que para aqueles que residiam com família, como no caso de E₇, a tristeza foi maior, pois o retorno a terra natal foi de forma muito agressiva, não lhe sendo permitido sequer se despedir dos filhos, esposa e amigos que conquistou na América, o que lhe gerou grande sofrimento.

Em todos os casos, diversos fatores contribuíram para a deportação, porém o de maior destaque foi a “ilegalidade”, ou seja, o fato de residir no país sem documentos reconhecidos como legais, sendo chamados de “indocumentados”. Aliás, essa era a principal fonte de preocupação dos participantes desta pesquisa, se envolver em algo que exigisse a sua identificação.

Apesar disso, como já dito, muitos se viam obrigados a fazer uso de veículo automotor devido à rotina de serviço estressante e acelerada e os longos trajetos entre um trabalho e outro. Segundo E₁, E₂ e E₇ o ilegal acaba condicionado à rotina corrida, esquecendo a condição de ilegalidade, tornando-se alvo fácil para os policiais, como expõe E₈:

Fui pega pela polícia de rua por alta velocidade. A velocidade máxima permitida na via era de 35 milhas por hora e eu estava a 42 milhas por hora. Fui parada e o policial acionou o ICE (Polícia de Imigração) e eles vieram no local do acontecido. Acabei sendo presa e tendo que pagar fiança.

Em relação a esse evento, Kuck (2010) explica que a prisão dos imigrantes ilegais pode ocorrer mesmo sem autorização judicial se houver suspeita de que a pessoa esteja em situação de ilegalidade no país. O argumento é que ao se esperar uma autorização judicial para se fazer a detenção, a pessoa suspeita poderia escapar.

No pensar de Krispin, citada por Gomes (2011) o policial geralmente aborda os ilegais no trânsito por pequenos motivos, como infrações leves. O que permite que a vida dos imigrantes venha ser prejudicada, chegando, deste modo, a uma deportação. O ICE (Polícia de Imigração) é acionado especialmente para aqueles que deveriam ter comparecido às Cortes de julgamento e não o fizeram, ou que ainda tenha sido iniciado, estando o processo de imigração em andamento.

Outros ainda relataram que, mesmo não tendo envolvimento com a blitz no trânsito, tiveram o azar de serem descobertos e detidos pela Polícia de Imigração. Para E₆ uma simples ajuda a um amigo lhe custou a triste deportação:

No momento que eu tava ajudando um amigo, fazendo uma mudança, tinha um aparelho que tava na porta, aí eu passando com o colchão, o colchão encostou no aparelho e ele disparou, o alarme disparou, aí no momento que o alarme disparou, chegou a polícia, e ela chegou e pediu meu documento, aí ela me levou pro Roteslin fiquei ali mais ou menos umas duas três horas e depois ela me levou pra outro lugar lá.

Na opinião de todos os entrevistados o processo de deportação já tinha início no momento da detenção, que ocorrera na maioria das vezes logo após a entrada nos Estados Unidos, pois as regras de imigração são rígidas e, dificilmente um ilegal conseguirá permanecer no país. As exceções se dão somente nos casos de asilo político, abrigo e aproximação de familiares (DEPARTAMENT OF HOMELAND SECURITY, 2010).

Para esses brasileiros simples e sem envolvimento com a polícia em seu próprio país, ser preso lhes gerou sentimentos de medo, insegurança e humilhação, às vezes nunca antes experimentados.

Os imigrantes ilegais são algemados, levados para presídios passando até a conviver com presos criminosos. A chegada ao presídio é impactante, pois eles são despojados de suas roupas e passam a utilizar uniformes de presidiários da cor laranja. Alguns são obrigados a usar algemas nos pés, mãos e cintura, sem quaisquer informações sobre seu destino, ficando na angústia e no aguardo da temida deportação.

Logo, o fato da prisão constitui fator de grande sofrimento para os ilegais, conforme se depreende do seguinte relato:

Quando eles pegam a gente é só sofrimento, você sabe que você vai ficar preso mesmo, eles não te liberam. Fiquei quatro meses preso, só tomava banho de sol, mais nada, uma vez por semana. Muito ruim, eles não dão comida direito, só lanche. (E₄)

Ainda sobre o assunto, Bock, Furtado e Teixeira (2008), caracterizam o cárcere como uma privação do ser humano à liberdade, ou seja, o sujeito é fechado dentro de um ambiente, sem direito de transitar na sociedade.

Para E₃, o período em que esteve preso, ocasionou diversos questionamentos, dúvidas, preocupações e tristezas, como cita:

Na hora foi ruim, eu cheguei na cela, vou falar a verdade, eu chorei, eu falei, o que eu arrumei, que eu vou fazer, eu pensei assim, que eu ia ficar muito tempo preso lá. O cara falou comigo assim, sua cama é aquela ali, eu dentei, virei pro canto, eu chorei, calado, escondido, agora como vou fazer. Eu cheguei sem dinheiro, sem nada, eu não tinha dinheiro nem pra fazer uma ligação.

Mas sua situação não se limita à prisão, existe algo de muito pior que demonstra tamanha perversidade de algumas pessoas, que, pelo dinheiro, cometem atrocidades, criando falsas expectativas e/ou esperança naqueles que sofrem com a deportação. Assim, além de lidar com a condição de preso, os ilegais ainda são ameaçados, ironizados e enganados pelos advogados, que dizem estar ali para ajudar, escondendo sua verdadeira intenção, ou seja, a de ganhar dinheiro fácil à custa dos ilegais, como descreve E₇:

Minha esposa foi apanhada em um evento do qual não fazia parte, um assalto a uma mercearia. Os policiais chamaram a imigração, o qual constatou que tinha uma corte, que não tinha ido em 2005, então falaram pra ela comparecer lá no dia seguinte. Ao chegar lá ela foi pressionada a falar de mim também. Foi colocado um GPS em sua perna, na condição de tirar quando ela me apresentasse a eles. A princípio eu não aceitava a ideia, mas diante do sofrimento dela, resolvi ir por instrução de um advogado, então entramos em ordem de supervisão o qual passei a ir com minha esposa uma vez por mês. Nisso, nosso advogado só nos cobrando e trabalhando pouco.

Ao chegar lá no próximo mês, parece que já estava preparado pelo que poderia acontecer, ele pediu que eu acompanhasse para dentro e ao entrar já foram me tratando diferente, mas eu estava tranquilo, aí eles me disseram com ironia, que meu advogado só pegou meu dinheiro, e que eu iria ficar detido e transferido para outro presídio, a uma hora de distância.(sic).

A prisão por si só já é fator que impõe humilhações, porém, os ilegais ainda são sujeitados a críticas, deboches e enganações.

O entrevistado E₁ argumenta que não tem como manter-se estruturado diante da situação de presidiário e, posteriormente, de deportado, que somente o fato de estar preso, já abala o psicológico de qualquer pessoa. Vejamos o relato de um dos deportados: “Péssimo, me senti pra baixo. Só o psicológico de tá preso, abala muito a gente. Fui algemado tudo, os pés, as mãos, a cintura. Fiquei preso 5 meses e 15 dias, vestia uniforme de presidiário, roupa laranjada, sapatilha de preso” (sic).

Neste sentido, o autor Vitorino (2005) ressalta que a humilhação pode interferir na vida do sujeito comprometendo sua identidade, relações sociais e afetivas, ocasionando danos à saúde física e mental.

A partir dos relatos pode-se observar que a sequência de episódios vivenciada ao serem detidos pela imigração, nem sempre foi a mesma. Isso porque para alguns ainda houve a possibilidade de permanência no país sob a ordem de supervisão, com a obrigatoriedade de comparecimento ao escritório de imigração, monitorada com GPS, como no caso de E₈ que descreveu sua situação da seguinte maneira:

Depois que fui pega em 21 de maio de 2014 colocaram um GPS no meu calcanhar por dois meses, e fiquei sob ordem de supervisão, tendo que comparecer ao escritório de imigração em Columbus, Ohio, semanalmente. Em uma dessas visitas, no dia 27 de julho de 2014, me prenderam. Fui levada para uma prisão regular onde estavam presos criminosos, fiquei lá por um dia e uma noite. No dia seguinte, fui levada a um aeroporto de carga e descarga em Toledo, Ohio, onde estava sendo embarcada para retornar ao Brasil juntamente com mais trezentas pessoas de vários países. No último minuto meu advogado conseguiu um Stayof Removal, que era uma liminar judicial que os impedia de me deportar naquele momento. Retornaram comigo para a prisão, onde fiquei presa por quase uma semana, até que permitiram pagar uma fiança no valor de \$5.000,00 dólares e voltei pra casa.

De acordo com a fala de E₈, pode-se dizer que nos casos em que tenha sido estabelecida a fiança e realizado o seu pagamento, o imigrante ilegal até pode continuar vivendo no país, mas não se sabe até quando, permanecendo sob a sombra da deportação.

4.3 OS CONHECIMENTOS DOS DEPORTADOS ACERCA DE ENTIDADES ASSISTENCIAIS BRASILEIRAS

Para os deportados o momento da chegada é impactante e desafiador, pois inicia uma nova etapa da vida. Nela está presente, de forma marcante, o enfrentamento da deportação e a readaptação na terra natal, processo esse que se torna mais difícil dado que não foi uma escolha, o retorno se deu de forma indesejada e inesperada.

De modo geral, mesmo que não tenham consciência do fato, mantêm a ilusão de encontrar o local que deixaram nas mesmas condições de quando emigraram. Como isso não é verdade, a nova realidade se torna estranha, mais uma perda se faz presente na vida dessas pessoas, uma vez que o local para onde retornam sofreu mudanças substanciais de natureza diversa: nos costumes, na dimensão social e no setor econômico.

De acordo com Siqueira (2007, p. 4):

[...] O estranhamento no reencontro com a família e em relação aos costumes, a sensação de não se reconhecer pertencente ao seu local de origem tornam-se angustiantes. O espaço geográfico e social, as pessoas idealizadas durante os anos de emigração já não são os mesmos [...].

O relato do deportado E₂ descreve bem este sentimento de estranhamento: “a gente fica meio perdido”, devido à grande dificuldade de readaptação, se faz necessário o apoio e a ajuda de familiares, organizações e entidades assistenciais.

Batista e Brandes (2010), esclarecem a importância do apoio às pessoas que passaram pelo processo migratório e sofreram deportações, essa contribuição ao deportado colabora na troca de experiências e esclarecimentos, ajudando-o na readaptação ao seu local de origem.

Neste contexto, sob a proteção do Governo Federal, foi criado o Portal do Retorno, com a finalidade de auxiliar os imigrantes deportados, a fim de ampará-lo na readaptação social, crescimento psicológico e estabilidade emocional.

No ícone “Serviços”, na página inicial do site do Ministério das Relações Exteriores (MRE), descrito na aba “Serviço Consular”, encontram-se orientações que podem ajudar os deportados, especialmente em relação à saúde, assistência psicológica, trabalho, educação, entre outros. Considera-se, assim, que todos os serviços e programas de acolhimento oferecidos tornam-se mecanismos de ajuda na readaptação e estabilidade emocional daqueles que retornam ao país.

Vale ressaltar que nenhum dos retornados entrevistados revelou ciência dos serviços oferecidos aos imigrantes deportados, ficando, portanto, sem ter acesso às informações importantes, bem como ao auxílio necessário, tudo em razão do mero desconhecimento.

Ademais, quando questionados se tiveram apoio de alguma organização ou entidades assistenciais, eles respondem que não, ficando confusos e perdidos como relatam:

Não. Entidade não. (E2);

Quando eu cheguei, fiquei meio perdido no sentido de ter que trocar dólar, comprar passagem pra Belo Horizonte, aí eu fiquei meio perdido. (E1);

Não. Nenhuma, a gente fica meio perdido, nada, nada. Eu tive dificuldade, de trocar uns dólares, mas consegui vender, comprar minha passagem e vir embora. (E2).

Ao discutir sobre o apoio que tiveram ao desembarcarem no Brasil, alguns disseram que a principal ajuda veio dos familiares.

Para E₇, o apoio familiar foi de grande importância:

Minha irmã e meu cunhado me deram total apoio. Mesmo ela estando em processo de recuperação de uma cirurgia, decidi ir ao meu encontro em São Paulo, estando com minha passagem comprada para Vitória, para ficar na casa deles até a chegada da minha família, me dando muito apoio.

Em relação ao processo de enfrentamento, o apoio, sobretudo, o familiar, parece ser o alicerce para a readaptação dos deportados. Conforme Fabrino (2012, p. 30)

A família será sempre espaço de afetividade, de demonstração de carinho e atenções delicadas. Pais e filhos necessitam deste ambiente para poderem continuar a viver como pessoas dignas e seguras em sociedade. Na família um acolhe a vida do outro, uns se colocam a serviço dos outros. Dessa forma, cria-se um ambiente saudável emocionalmente, psicologicamente, socialmente para que se tenha/alcance a maturidade afetiva.

Ao final, pode-se dizer que as instituições de apoio e esclarecimentos aos deportados não tem visibilidade para eles, tornando-se, portanto, na maioria das vezes inócuas.

4.4 EXPECTATIVAS FRENTE À NOVA REALIDADE

Dentre os diversos desafios enfrentados pelos imigrantes ilegais deportados, o maior deles estava por vir, ou seja: o que fazer diante da realidade apresentada perante a deportação inesperada?

Isso porque a realidade se descortinou de forma diferente para os entrevistados, visto que: alguns se preocuparam em adquirir bens imóveis no Brasil; outros preferiram fazê-lo nos Estados Unidos; houve quem preferisse acumular apenas recursos financeiros que não puderam utilizar e, em pior situação, ficaram aqueles que foram deportados logo nos primeiros dias, uma vez que se viram apenas com dívidas.

Dessa forma, o impacto da deportação e a dificuldade de readaptação acabam prejudicando as expectativas frente à nova realidade, pois muitos voltam sem dinheiro e trabalho. Como relata E₆: “Hoje eu to parado, não to trabalhando”.

A esperança de conseguir se reestruturar impulsionou alguns deportados a recomeçarem, utilizando o serviço como uma válvula de escape para suas dores e

estranhamentos. Como informa E₇: “Aqui no Brasil é muito difícil, mas procuro trabalhar muito, ocupar meu tempo e cansar meu corpo pra não ter tempo de pensar nos Estados Unidos”.

Em relação ao significado de expectativas, Norbert (1998, p. 98), descreveu:

Espera de um sujeito que, fundando-se nos elementos objetivos que possui, conta como certo sucesso.

A expectativa raramente coincide com o desempenho esperado, pois é influenciada pelos desejos e temores da pessoa.

Alguns dos entrevistados revelaram que tinham a intenção de voltar ao Brasil depois de conseguirem formar um patrimônio que lhes garantisse uma vida melhor em seu próprio país. Assim, suas expectativas eram positivas, pois se imaginavam conquistar uma situação financeira estável e com folga. No entanto, a realidade não coincidiu com o esperado, tornando-se um fator impeditivo de realizações e conquistas na terra natal. Tendo ido para os EUA em 2001 e vivido ilegalmente por cinco anos, “[...] pensava em voltar em 2010 e viver uma vida consolidada em Minas Gerais, não esperava ser deportado”.

Para E₈ e sua família, a volta foi difícil, mas o enfrentamento da nova realidade está sendo aos pouco superado com muito trabalho e dedicação:

Agora depois de alguns meses no Brasil as coisas estão indo bem, voltei a trabalhar como professora pelo Estado de Minas Gerais, meu esposo trabalha na área de transportes e meus filhos se adequaram muito bem à nova escola e à língua portuguesa.

O enfrentamento dessa nova realidade (viver na terra natal) é a grande dificuldade do deportado, pois ficou evidenciando para ele, o não pertencimento ao local de origem, como descreve Siqueira, citado por Batista e Brandes (2010).

Apesar da dificuldade, as coisas estão se adaptando. Para alguns o sonho de retornar ainda está presente, ilegal ou legal, o retorno está nos planos, como afirma E₇:

Hoje, estamos trabalhando por uma residência canadense. Mas desta vez não vamos cometer o mesmo erro e tentar entrar no país ilegalmente, vamos fazer tudo o que for necessário e tentar todas as possibilidades de conseguir viver no Canadá legalmente.

O mesmo argumento foi usado por E₁ para quem o retorno aos EUA passou a ser um desafio, levando até ao esquecimento dos perigos e dos medos que enfrentaram durante a travessia, tendo, assim, descrito: “Vou voltar pra lá em breve. Não pretendo viver morando aqui no Brasil, vou ilegalmente de novo” (E₁).

Entretanto, para outros, à volta para a América não foi sequer cogitada em seus pensamentos e planos, principalmente de forma clandestina como relata E₄:

Não pretendo voltar, vivo bem no Brasil, tenho um emprego bom, tenho minha família, tenho meu carro pra andar hoje, graças a Deus, volto nunca mais, pra América não. Só se eu ganhar um visto legal, eu penso em ir, mas clandestino, nunca mais, cruzar a fronteira, nunca mais.

O pensamento de E₅ e E₂ não é diferente, como mostram os seus relatos:

Vou ficar aqui mesmo. Pretendo sair daqui não, agora não, nem pra trabalhar fora, se me chamarem eu não vou. Não é fácil não. (E₅);

Pretendo ficar por aqui mesmo, entendeu. Penso em voltar não. (E₂).

Dessa forma, percebe-se que, na maioria dos casos, as lembranças do sonho americano foram deixadas para trás e a decisão de se fixar ao local de origem passou a permear a vida dos deportados entrevistados residentes em Minas Gerais.

4.5 RELATOS VOLUNTÁRIOS

O conteúdo das respostas dadas nas entrevistas demonstrou uma riqueza de detalhes, sendo muito rico, na medida em que apresentou muito mais do que se pretendia na pesquisa. Além das respostas aos questionamentos pautados, os participantes agregaram outros temas que, devido à ênfase e detalhamento por eles dados, merecem ser relatados. São eles: a travessia e o processo de deportação.

4.5.1 A travessia

As pessoas que planejam imigrar para outros países se veem diante da decisão de fazê-lo de maneira legal ou ilegal. No primeiro caso, seu deslocamento se dá por vias de mais fácil acesso, sem transtornos ou impedimentos, mas, ainda assim, se vive algum pequeno momento de tensão. No segundo, elas precisam imaginar diferentes formas de enganar o controle nas fronteiras, podendo viajar para um país vizinho e tentar sua entrada ilegal.

No caso de brasileiros sem a devida autorização para entrarem nos Estados Unidos, a maior incidência de imigração tem sido por meio do cruzamento da fronteira do México.

Esse processo é feito com a ajuda dos coites, considerada a opção mais relevante para os emigrantes, por ser o modo de travessia de menor valor financeiro.

A partir dos relatos dos entrevistados pode-se ver que durante todo o percurso da travessia o perigo permanecia intenso, desde a chegada ao México até a entrada na América. Isso porque as pessoas ficam sob o poder dos coiotes que se valem de ameaças, extorsões e abandono, como dito por alguns: “A gente tava com 2.500 dólares e tivemos que deixar tudo com o coioite, lá na travessia. Uma mulher que tinha 800 dólares conseguiu esconder o dinheiro no sutiã, deixou escondido.” (E₂).

Outro fator marcante foi o ocorrido com E₃, transcrito a seguir.

Eu já tinha pago o ticket pra o coioite me levar até o hotel, aí nos chegamos no meio de uma avenida, ele parou o carro e falou assim, você não me pagou, eu disse paguei, eu te paguei o ticket. Ele disse, você pagou para um, vocês são três, porque tava eu a mulher e uma criança. Ele abriu a porta do carro e falou, se você não me pagar você desce, aí eu falei como é que eu vou descer no meio de uma avenida dessa, aí eu fui e dei a ele mais 50 dólares, aí ele foi e me deixou no hotel.

O relato de E₈ mostra a angústia daqueles que se aventuram na ilegalidade.

Durante a travessia fiquei muito preocupada com meu filho e com sua alimentação e muito ansiosa porque eu havia sido aprovada em um concurso público e deveria estar tomando posse justamente no dia em que eu estava na Cidade do México aguardando pela travessia.

Diante das iniciativas, curiosidades e decisões de cruzar a fronteira entre México e Estados Unidos, os emigrantes tinham a ilusão de que iriam sair do Brasil e entrar nos Estados Unidos com grandes facilidades, ou seja, eles imaginaram que a entrada seria nas mesmas condições de um cidadão legal, sem percorrer e vivenciar os perigos, atrocidades e as ameaças dos coiotes na fronteira.

No relato de E₂ percebe-se claramente a ilusão de como os ilegais chegariam a América:

[...] de início eu pensava que eu ia de avião, direto. Lá em Valadares, a mulher que tava levando a gente falou, não, vocês vão passar pelo México, tem um rio lá, assim, tal... mas a gente já tava no caminho, então a gente foi [...] (sic).

Outra dimensão registrada nas falas diz respeito à possibilidade de ser ou não apanhado pela Polícia de Fronteira norte americana, fato que não passava pela cabeça desses imigrantes. Como relata E₇ “[...] quando viajei, eu fui no intuito de fazer uma boa viagem, mas muitas coisas ruins aconteceram e nós tivemos que nos manter unidos, se não poderíamos ser apanhados ou até mesmo morrer.”

Dessa forma, a convivência com o perigo fez prevalecer à cooperação dentro do grupo de emigrantes, percebido nas falas e atitudes de E₆.

Na hora da travessia quem sofreu foi as mulheres. Nós atravessamos o rio, algumas boias furaram e tinha algumas que não sabiam nadar, eu salvei 3 mulheres que não sabia nadar, eu peguei elas joguei em cima da minha boia e fui empurrando. Depois que atravessamos os coiotes abandonaram a gente do outro lado do rio, só falaram pra gente ir naquele caminho ali, vocês vão chegar na divisa do Texas, na BR terá alguém pra pegar vocês.

Ai a imigração foi e pegou a gente.

[...] Triste por ver as pessoas que não sabiam nadar, os coiotes abandonaram a gente. Fiquei com dó das pessoas que não sabiam nadar, mas graças a Deus correu tudo bem, não morreu ninguém.

Percebe-se, portanto, um sentimento de cooperação e ajuda nos momentos de incerteza, medo e desespero.

Durante as entrevistas, os perigos relatados e vivenciados pelos emigrantes demonstram que os fenômenos ocorridos foram marcantes na vida de cada um.

A maioria dos entrevistados teve a experiência de cruzar a fronteira pelo rio Bravo, realizando quase sempre um ritual: a retirada das roupas, a entrada no rio e a travessia, utilizando-se botes e/ou boia inflável. Como relata E₄, “a travessia foi feita pelo rio, na boia, de forma arriscada, porque é na boia, foram três boias, era três pessoas, uma boia pra cada um. (sic)”.

O relato de E₁ sobre a hora de cruzar a fronteira não foi diferente, ou seja: “Nadando, foi feita nas boias, quem não sabia nadar ia nas boias, quem sabia ia no braço. Tinha criança com mulheres nas boias.”

Apesar de mais frequente, o rio não era a única opção. O deserto também foi uma alternativa de travessia, sendo vivenciada por E₅, nesse caso ele diz que “[...] aí chegou no dia de atravessar, nós atravessamos a pé, pelo deserto, correu tudo bem, [...]”.

Percebe-se que, seja diante do rio Bravo ou do deserto, a única opção é seguir em frente, sem condições de retorno ou desistência. Não há oportunidade para retorno, conforme comenta E₃:

[...] do jeito que eu atravessei não tinha como voltar mais. Eu pensei, se eu desistir eu vou pra onde? Os coiotes sumiram todos. A cidade onde eu tava era longe, não tinha como eu ir. Então eu pensei, eu tenho que seguir pra frente, não tem como eu voltar pra trás. (sic).

Para E₁, “a sensação era de estar fugindo, com medo de polícia”.

De modo geral, ninguém sabia o que ia acontecer. O medo perpassava a todos, sendo relatado que alguns se apegaram à fé e entregaram a situação a Deus, como

contou E₆: “[...] eu pensei, o que vai acontecer com minha vida, o que vai passar por mim agora, neste momento? Pedia a Deus pra ele guiar nossos caminhos”.

Outros relatos confirmam que para os emigrantes, no momento da travessia Deus foi o maior companheiro, sendo guia durante todo o percurso. A fé em uma divindade sustentou a maioria que ali corria risco de morte.

Em relação à questão da fé, Trevisan (2003) argumenta que o pensamento e a fé superaram os limites humanos, obstáculos e os desejos impossíveis.

Ainda durante a travessia, sem desistirem do percurso, vencendo as fortes correntezas do Rio Bravo ou a caminhada pelo deserto, lidando com o calor escaldante, com a sede e a fome, ninguém imaginou o que ainda estava por vir, ou seja, os policiais de fronteira. Conforme descreve E₃:

Quando nós tava atravessando o rio, pra cruzar a fronteira aí, quando nós chegamos do outro lado a polícia já tava lá, e bicou a arma em nós, falando inglês, eu não sabia nada, não entendia nada. Na hora que ele tava falando, eu caminhei pro lado dele, aí ele engatilhou a arma, eu parei, fiquei parado, aí veio mais duas viaturas. (sic).

Para E₇ não foi de forma diferente:

[...] ao chegar do outro lado fomos para uma rodovia, onde fomos pegos pela imigração e levados para a prisão, onde fomos mantidos presos por mais de 30 horas, saímos com um Permit, para ficar nos Estados Unidos. Mas com uma audiência para comparecermos à Corte, em hora e dia marcado, porém não fomos, pois era certo que seríamos deportados, por isso não fomos.

Para alguns como E₇ ainda restou a possibilidade de não comparecer à corte e ficar ilegalmente nos Estados Unidos se escondendo, correndo da imigração. Para alguns o sonho estava começando, para outros ele chegara ao fim, dado que foram imediatamente deportados.

Aos que conseguiram essa primeira vitória, ainda restavam outros obstáculos: viver ilegalmente enfrentando longas horas de trabalho, baixo valor da força de trabalho dos iniciantes, xenofobia e preconceito proveniente de alguns americanos, que olhavam os imigrantes como terroristas.

4.5.2 O processo de deportação

A imigração ilegal equivale-se a correr riscos constantes: a travessia, a polícia de fronteira e o viver sob tensão, destacando-se o medo da deportação, que para Barreira (2010) é considerada como uma pena administrativa para aqueles que entraram ou permaneceram irregular em outro país.

Esses fatores geram um conjunto de emoções e sentimentos que vão de um polo a outro, da alegria à tristeza.

Uma vez sendo apanhado pela imigração e preso, o sofrimento se torna mais intenso, ou seja, havendo Carta de Deportação, assinada por um Juiz americano em desfavor do imigrante brasileiro ilegal, se iniciará o procedimento para realização da deportação, que era executado pela Polícia de Imigração, pois eles apreendiam e levavam para os Centros de Detenção, onde todos seus pertences são recolhidos, colocados em sacolas e guardados em locais reservados. Em seguida, era disponibilizado uniforme da cor laranja, sendo de uso obrigatório. Quanto à alimentação, é certo que seriam oferecidas três refeições, sendo café, almoço e jantar.

Durante todo o período do aprisionamento, os ilegais permanecem aguardando a deportação, sob vigilância contínua de guardas, não sabendo qual será o tempo de permanência nos Estados Unidos. Trata-se de uma espera de dias, semanas ou meses pela volta ao país de origem. Percebe-se, nos relatos, que todo esse processo foi muito difícil para os imigrantes ilegais, pois esse acontecimento era narrado com muita emotividade, sendo, também, destacados os sentimentos de derrota, revolta e vergonha.

O dia da deportação foi de muita expectativa, era o dia final. A propósito, as circunstâncias assombravam o deportado, pois o ilegal, não sabia o que seria feito com ele, qual o horário e local que iria embarcar. Os procedimentos foram realizados de acordo com os costumes da polícia de imigração. Para cada deportado a ação foi desempenhada de maneira diferenciada, como descreve E₂.

Foi um dia à tarde, eles anunciaram o meu nome no alto falante, eu não meditei direitinho o que era, mas, um goiano que fala muito bem inglês, foi e me falou, eles estão chamando você, porque você vai viajar hoje a noite, pode arrumar as suas coisas.

A polícia chegou pra nós e falou, olha, vocês são brasileiros, não vão ser algemados nem nada, vou levar vocês numa boa, mas não ameaça correr não porque será pior pra vocês, vocês aceitam? A gente ia com a roupa da gente mesmo, normal. Viemos em três. Ai eles embarcaram a gente no aeroporto e viemos. (sic).

No entanto, para outros ilegais o processo ocorreu de forma diferente, permanecendo algemados e percorrendo longas distâncias até o local do embarque, conforme relatam E₇ e E₁, respectivamente.

Me levaram até a fronteira com o estado de Michigan, onde fui transferido para o carro de agentes de imigração, eles disseram que já estavam com o meu bilhete da passagem, e que eu iria ser deportado naquela noite, então cheguei as 6 da noite e meu vô sairia as 9:45 da noite, fui deixado em uma cela da imigração até aproximar o horário. Pedi pra fazer uma ligação pra minha esposa, pedindo a ela que me enviasse 500 dólares por Wester Union, pois não tinha dinheiro. Algemado me levaram até uma agência para pegar, e em seguida levaram para o aeroporto, onde ao chegar, tiraram as algemas e entregaram meu celular, aí eles fizeram meu check in, e me colocaram em um vô direto pra São Paulo, Guarulhos.

No dia exato, você não fica sabendo, daí no dia que me tirou, onde eu tava na penitenciária, passei mais 12 cadeias, dentro dos Estados Unidos, para chegar até o aeroporto que seria de Nova York, cada cadeia ficava uma noite, então, o processo de deportação foi muito demorado.

Entretanto para E₄, além de conviver com o processo da deportação, teve que lidar com outras situações que causaram desconforto e tensão:

Quando eu fui preso, todo dia saia gente de lá, um dia chegaram e falaram brasileiro, vai voa, só que eu achava que eu ia embora, mas eles me levavam pra outra cadeia. Toda vez que eles falavam assim eu ia pra outra cadeia, quando tinha sessenta dias que eu tava lá eu ia ser deportado, me colocaram no avião, o avião tinha levantado uns dez metros o avião pifou, aí foi mais sessenta dias preso. No dia que eu vim embora a Polícia de Imigração me levou até no avião, algemado ainda.

As deportações em alguns casos ocorreram de forma coletiva, como narra alguns deportados: “[...] Nós era sete pessoas, tinha gente de Valadares, Goiânia, aí ia uns três policiais na frente, uns atrás e nós sete, [...]” (E₃); “[...] Viemos em três. Ai eles embaraçaram a gente no aeroporto e viemos”. (E₂).

Para Mazzuoli (2013, p. 754), a deportação deveria ser realizada individualmente e não coletivamente, como visto nos relatos. Assim o autor descreve:

A deportação é sempre feita *individualmente*, não se admitindo qualquer tipo deportação coletiva (de pessoas ou grupos de pessoas). Essa prática, que infelizmente já se viu empregar no cenário internacional. (lembre-se dos primeiros anos subsequentes a 1917, à égide da Rússia comunista), deve ser hoje completamente abandonada por ser frontalmente contrária aos princípios e normas do moderno direito das gentes. (destaque do autor)

No dia da viagem, até o momento do embarque na aeronave, o deportado permanece sob a escolta dos agentes da Polícia de Imigração norte-americana que conduz o imigrante ilegal até o aeroporto, ficando sob os cuidados e responsabilidade do agente a realização do *check in* do ilegal. Os policiais somente são liberados quando o deportado entra na aeronave e decola. “Aí eles fizeram

tudo, quando eu cheguei no aeroporto, *check in*, eu entrei pela porta de trás, eles deram meu passaporte a aeromoça” (E₅).

Quanto ao modo de realização da deportação, ressalta-se que há duas possibilidades de ocorrer, sendo involuntária e voluntária, é o que diz o Ministério das Relações Exteriores (2013, p.1):

A deportação é mais frequentemente involuntária, porém poderá, em alguns casos, a critério do juiz de imigração responsável pelo caso, ser voluntária. Pela deportação voluntária, o estrangeiro abdica do direito a audiências de julgamento e arca com as despesas de seu retorno a seu país de origem. Para saber mais sobre essa possibilidade é necessário contratar um advogado.

Portanto, a grande maioria dos entrevistados foi submetida à deportação involuntária, sendo conduzidos pelos agentes da imigração até os locais de embarque.

Entre os entrevistados E₈ optou pelo processo de deportação voluntária. Porém, mesmo sendo uma deportação voluntária o ilegal não deixa de vivenciar o mesmo sofrimento que os outros deportados viveram. A tristeza em deixar o local que foi escolhido e conquistado com muito trabalho, juntamente com as amizades, faz parte de um processo de perda, conforme analisado a partir do Modelo de Luto de Kübler-Ross (1996).

Ao sair dos Estados Unidos me senti como estivesse perdendo tudo que eu havia conquistado durante quase dez anos. Não apenas o lado financeiro, mas também todos os laços que criamos: amigos, pessoas que fizeram parte de toda a vida de meus filhos até aquele momento. Pessoas que acreditaram em nós desde o primeiro momento. Que nos ensinaram que o ser humano é honesto, bom, que ajuda o próximo sem esperar nada em troca. Eu senti a dor de uma perda e sinto até hoje (E₈).

Dessa forma, pode-se afirmar que entre o ir e vir há sempre a presença da angústia e do desconhecido, sendo que ambos ficam permeados pelo inusitado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se iniciar esta pesquisa pretendeu-se investigar o estado emocional dos deportados adultos e as possíveis consequências psicológicas por eles vivenciados com o retorno à terra natal.

Nesse sentido quatro pontos centrais se destacaram, ou seja, o que representou para eles o processo de emigração; os reflexos psicológicos e os sentimentos advindos com o processo de deportação; o conhecimento dos imigrantes acerca da existência de entidades assistenciais brasileiras que oferecem serviços aos deportados; qual o apoio que tiveram ao retornar; e, as expectativas frente à nova realidade vivida, com o retorno à terra natal.

Em relação à emigração (deixar sua terra natal e ir viver em outro país) foi evidenciado pelos participantes como sendo consequência de um processo de influência de outras pessoas, sobretudo daqueles que já viviam no país em que se desejava se deslocar para vivenciar outros ares, bem como somada às condições de vida que possuíam à época, pois os relatos comprovaram que a situação do emigrante, de modo geral, revelou-se precária no que tange aos recursos materiais, de infraestrutura residencial, de escolaridade, perspectivas de suprir a família com melhores condições de vida e o desejo de melhorar a renda familiar e obter ganhos suficientes para formar uma reserva de capital que lhes pudesse propiciar tranquilidade.

Quanto aos reflexos psicológicos e sentimentos decorrentes do processo de deportação, pode-se dizer que as respostas foram unânimes ao revelarem as dimensões negativas do retorno, o que abalaria de sobremaneira a estrutura emocional do deportado. Assim, sentimentos de pesar, perda, depressão, dificuldade de adaptação e queda na qualidade de vida, foram amplamente relatados. Logo, tais vocábulos muito bem representaram o que esses deportados viveram quando retornaram ao Brasil.

No que tange ao conhecimento dos imigrantes (brasileiros que retornavam ao Brasil) acerca da existência de entidades assistenciais brasileiras que disponibilizam seus serviços aos deportados, houve unanimidade no desconhecimento da existência de qualquer instituição. De certa forma isso revela fortes indícios da ineficácia do

sistema, que apesar de disponibilizar os serviços de apoio não parece atingir à sua população alvo.

Quando ao apoio que tiveram ao retornar à sua cidade natal, os entrevistados declararam que, no momento do retorno, o apoio familiar representou muito para todos eles, não havendo sido identificado outro qualquer apoio vindo de quaisquer representantes que não fossem os seus próprios familiares.

Há mais, diante da nova realidade, a maioria se sente desolada e sem perspectivas, tendo sido registrado que, um dos participantes, não aceita mais viver segundo os valores e comportamentos dos brasileiros, na medida em que, diariamente, faz planos para retornar. Assim, sua primeira ideia foi entrar nos Estados Unidos pela fronteira do Canadá. No entanto, diante de circunstâncias diversas, inclusive da abertura daquele país, está pensando em emigrar oficialmente com sua família para as terras canadenses.

Além dessas categorias que já estavam previstas nos objetivos específicos, duas outras surgiram, de forma voluntária, que mereceram destaque: a travessia e o processo de deportação.

A travessia revelou-se um momento perigoso, cheio de incertezas e angústias. Mas também mostrou um lado humano daqueles que enfrentam as adversidades juntos, ou seja, a cooperação.

Por último, cumpre registrar que o processo de deportação, embora esperado a todo instante da vida do imigrante, acaba por se configurar como algo inesperado, uma vez que, em um primeiro momento, ele não acreditava no que tinha acontecido. Quanto aos procedimentos operacionais, todos revelaram o rigor do sistema prisional dos Estados Unidos e a intolerância total aos imigrantes ilegais, quer sejam caracterizados como criminosos ou não. Lamentam a forma como foram detidos, algemados, incluindo não só a dor do processo em si, como a dor do abandono e da solidão.

REFERÊNCIAS

A FRONTEIRA. Direção: Roberto Carminat. EUA: 2003. (102 min). Disponível em: <http://www.interfilmes.com/filme_15852_A.Fronteira.html>. Acesso em: 02 mar. 2015.

AMÉRICA. Autora: Glória Perez. Direção: Jayme Monjardim; Marcos Schechtman; Luciano Sabino; Marcelo Travesso; Teresa Lampreia; Federico Bonani e Carlo Milani. Produção: Guilherme Bokel. Brasil: 2005. (203 capítulos), son., color. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/america/producao.htm>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

ALARCÓN, Rafael; CARDENAS, Macrina. En los imigrantes atendidos em la Casa Del migrante de Tijuana. **Migrantes**. Revista de Información y Pastoral Migratoria – Edición Especial, abril, p.11-21, 2012. Disponível em: <http://www.migrante.com.mx/uploads/4/6/9/5/46959225/rev._ed._especial_2012.pdf>. Acesso em: 26 out. 2015.

ALARCÓN, Rafael; BECERRA, William. Criminales o víctimas la deportación de migrantes mexicanos de Estados Unidos a Tijuana, Baja California. **Norte américa**, Ano 7, n. 1, jan.-jun., p. 125-148. 2012, Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/namerica/v7n1/v7n1a5.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. **Basics of The United States Immigration System**. Immigration Police Center, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Desktop/Soraya%20TCC/American%20Immigration%20council.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10ª ed. São Paulo: Atlas. 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARREIRA, Maria Clara de Almeida. **A RETIRADA FORÇADA DO ESTRANGEIRO POR INICIATIVA LOCAL: ASPECTOS CONTROVERSOS SOBRE OS INSTITUTOS DA DEPORTAÇÃO E DA EXPULSÃO NO ESTATUTO DO ESTRANGEIRO**. Monografia (Graduação do curso de Direito) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/31526/M1408JU.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 out. 2015.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia científica**. 3ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2007.

BATISTA, Líbia; BRANDES, Lídia. **Transtornos psicológicos em emigrantes**

retornados. 2010. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia)- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2010. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Transtornospsicologicossememigrantesretornados.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. São Paulo: Zahar, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Santa Catarina, jul. 2005. Disponível em: <http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1386353091.pdf>. Acesso em: 20 Ago. 2015.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Itamaraty. **Relatório do Ministério das Relações Exteriores sobre a COMIGRAR**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/contribuicoes-comigrar/relatorio-do-ministerio-das-relacoes-exteriores-sobre-a-comigrar.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

_____. _____. _____. **Portal do retorno**. Brasília, [s.d.]. Disponível em: <<http://retorno.itamaraty.gov.br/pt-br/>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

_____. _____. _____. **Serviço Consular**. Brasília, [s.d.]. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5354&Itemid=443&lang=pt-BR#sevconsular>. Acesso em: 07 mar. 2015.

_____. _____. _____. **Organizações e serviços de assistência**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/assuntos-consulares/organizacoes-de-assistencia/#Brasil>>. Acesso em: 07mar. 2015.

_____. _____. _____. **Guia de retorno ao brasil**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.portalconsular.mre.gov.br/retorno-ao-brasil/guia-de-retorno-ao-brasil-1>>. Acesso em: 07mar. 2015.

BUSSOLO, Paulo Henrique Pelegrim. **Extradição, expulsão e deportação**. Direitonet, 2013. Disponível em: <<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/8293/Extradicao-expulsao-e-deportacao>>. Acesso em: 26 out. 2015.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário técnico de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Cultrix. 2006.

CARDOSO, Kátia. **De volta à pátria? Os deportados Cabo-verdianos dos Estados Unidos da América**. 2008. 15f. Projeto de doutoramento intitulado "Violência urbana em Cabo Verde: o papel dos deportados - Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Disponível em:

<http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/5-KatiaCardoso.pdf>. Acesso em: 18 Ago. 2015.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall. 2002.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. Identidade. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley. (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 5. reimpr. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 58-76.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; FRANKEN, Ieda; RAMOS, Natalia. **GÊNERO E QUALIDADE DE VIDA NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL**.

Paraíba, ago. 2010. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277950624_ARQUIVO_GENEROeQualidadevidanocontextodaimigracaointernacional23.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. **A narrativa da emigração brasileira em jornais comunitários no exterior: estudo *Brazilian Times***. [200-]. 25 f. Projeto de Pesquisa (CNPq)- Diretório de Pesquisa do CNPq, Universidade de Brasília, Brasília, [200-]. Disponível em:

<unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/110/116.doc>. Acesso em: 24 abr. 2015.

CUNHA, Filipe Brum. **Imigração ilegal nos estados unidos: uma análise conjuntural a partir de uma perspectiva histórica**. 2010. 91f. Monografia de Graduação (bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28365/000770739.pdf?...1>>. Acesso em: 19 Ago. 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DEPARTMENT OF HOMELAND SECURITY. **Yearbook of Immigration Statistics**. 2010, Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office. Disponível em:

<https://www.dhs.gov/xlibrary/assets/statistics/yearbook/2010/ois_yb_2010.pdf>. Acesso em: 26 out. 2015.

_____. **The Performance of 287(g) Agreements**. 2013, Washington, D.C.

Disponível em: <https://www.oig.dhs.gov/assets/Mgmt/2013/OIG_13-116_Sep13.pdf>. Acesso em: 26 out. 2015.

_____. **Secretaria Napolitano Anuncia Cifras Récord Alcanzadas en el Gobierno del Presidente Obama Sobre el Cumplimiento de las Leyes de Inmigración.** 2010. Disponível em:
<<http://www.dhs.gov/news/2010/10/06/secretaria-napolitano-anuncia-cifras-r%C3%A9cord-alcanzadas-en-el-gobierno-del-presidente>>. Acesso em: 26 out. 2015

_____. **Executive Actions on Immigration, 2015.** Disponível em:
<<http://www.uscis.gov/immigrationaction>>. Acesso em: 26 out. 2015.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em bola de Neve e Respondent-Driven Sampling:** uma descrição dos métodos. 2013. 48 F. Monografia de Graduação (Estatística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em:
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 out. 2015.

DOMENECH, Eduardo. O controle da imigração "indesejável": expulsão e expulsabilidade na América do Sul. **Ciência e Cultura.** São Paulo, v. 67, n. 2, Jun., p. 25-29, 2015. Disponível em:<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252015000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 set. 2015

FABRINO, Verônica Noel. **Afetividade e base familiar:** da formação da personalidade. 2012. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade Norte Capixaba de São Mateus, São Mateus, 2012. Disponível em:< http://saomateus.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/05/Afetividade-e-base-familiar_norteadores-da-formacao-da-personalidade.pdf>. Acesso em 12 out. 2015.

FARIAS FILHO, Milton Cordeiro; ARRUDA FILHO, Emílio J. M. **Planejamento da pesquisa científica.** São Paulo: Atlas, 2013.

FERREIRA, Danielle Lúcia Fernandes. **A proteção jurídica aos imigrantes indocumentados:** a concretização da dimensão sócio-trabalhista da matriz constitucional brasileira de 1988. 2013. 96f. Monografia de Graduação (bacharelado em Direito) – Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em:
<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4760/1/2013_DanielleLuciaFernandesFerreira.pdf>. Acesso em: 19 Ago. 2015.

FUSCO, Wilson; SOUCHAUD, Sylvain. **De volta para casa:** a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16, 2008, Caxambu. Disponível em:
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1811.pdf>. Acesso em: 18 Ago. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas. 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas. 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Larissa. **Saiba como evitar a Imigração ao dirigir**. 18 jul. 2011. Disponível em: <http://www.braziliantimes.com/noticia/4537,comunidade_brasileira,SAIBA+COMO+EVITAR+A+IMIGRACAO+AO+DIRIGIR+.html>. Acesso em: 12 out. 2015.

GUIA DO ESTUDANTE: atualidades vestibular + enem. São Paulo, p. 10-202, jul./dez., 2014.

GUIMARÃES, Lígia. Trabalhador brasileiro volta 'desorientado'. **Jornal Valor Econômico**. São Paulo, 16 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/3824394/trabalhador-brasileiro-volta-desorientado>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

_____. Readaptação ao país tem sido a maior dificuldade. **Jornal Valor Econômico**. São Paulo, 16 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/3824398/readaptacao-ao-pais-tem-sido-principal-dificuldade>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

HORCAIO, Ivan. **Dicionário jurídico referenciado**. São Paulo: Primeira Impressão, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro, 2012, p. 55-61. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2015.

KUBLER – ROSS, Elizabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KUCK, Charles H. **Direitos do Imigrante**. 2010. Disponível em: <<http://www.comunidadebrasileiradeatlanta.com/main/artigos.php?id=307>>. Acesso em: 13 out. 2015.

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 3. reimpr. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.

LECHNER, Elsa. Imigração e saúde mental. In: DIAS, Sónia (org.), **Revista Migrações** - Número Temático Imigração e Saúde, Setembro 2007, n.º 1, pg. 79-101 Lisboa: ACIDI, 2007.

MACHADO, Hilka Vier; KOPITTKKE, Bruno. In: A Identidade no Contexto Organizacional: Perspectivas Múltiplas de Estudo. Encontro de Estudos

Organizacionais, 2., 2002, **Anais...** Recife: UFPE, 2002. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eneo2002-57.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2015.

MACULET, Oriana Jara. Migrações, fronteiras e novos territórios culturais. In: Congresso de Cultura Ibero-Americana, 2., 2010, São Paulo. **Anais...** Brasília: Ministério da Cultura, São Paulo: SESC, 2010, p. 176-180.

MAZZUOLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. 7ª ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2013.

MICHAELIS. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Klick, 2001.

_____. **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

NEGAI, Mae. **A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965**. Niterói, maio. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n25/a02v1325.pdf>>. Acesso em: 19 Ago. 2015.

NORBERT, Sillamy. **Dicionário de psicologia Larousse**. Porto Alegre: Artmed 1998.

NUNES, Rodrigues. **Grande dicionário jurídico RG – fênix**. São Paulo: RG, 1995.

PUSSETTI, Chiara. **Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal**. Saúde e Sociedade. São Paulo, v.19, n.1, p.94-113, 2010.

RESENDE, Paula. Goianos são presos suspeitos de integrar quadrilha de imigração ilegal. **G1**, Goiás, 10 fev. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/02/goianos-sao-presos-suspeitos-de-chefiar-quadrilha-de-imigracao-ilegal.html>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas. 2011.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SIQUEIRA, Sueli. **Emigração internacional e o retorno a terra natal: realizações e frustrações**. In: Xv Encontro Nacional Sobre Emigração, 2007. Universidade Vale Do Rio Doce - Univale/MG. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_2_emi_int_ret.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

TREVISAN, Lauro. **A fé que remove montanhas**. 2003. Disponível em: <http://api.ning.com/files/DZzK7te7kFgBtUxYroLo9ASJd2IZpwLgvSy3BenF0J*tdfYpo4uwN*LW0FaZ*V7Kk9*1XxnrTvFiGmhfq2eSLHR-cK00-elB/LauroTrevisanAFQueRemoveMontanhas.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

VITORINO, Alberto Da Fonseca Tavares. **Sofrimento moral e psíquico: A banalização pela organização e sociedade**. 2005. 69 F. Monografia de Graduação

(Administração de Empresas) - Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <https://www.uva.br/sites/all/themes/uva/files/pdf/monografia-sofrimento-moral-e-psiquico.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

VOGT, Sérgio. **Identidade e cultura organizacional**: o processo de identificação dos alunos de programas de pós-graduação stricto sensu em administração em instituições públicas e privadas. 2015. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/37326/R%20-%20D%20-%20SERGIO%20VOGT.pdf?sequence=>>. Acesso em: 27 out. 2015.

WERNECK, José Inácio. **Com esperança no coração**: os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. São Paulo: Augurium, 2004.

WHITE HOUSE. Inmigración, **2014**. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/issues/inmigracion>>. Acesso em: 26 out. 2015.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevistas

1. O que motivou a saída do Brasil para os Estados Unidos? Você foi influenciado por alguém? Você era solteiro ou casado? Tinha filhos? Qual era a sua escolaridade? Você trabalhava no Brasil? Se sim, o que fazia? Morava de aluguel ou tinha casa própria? Possuía carro próprio?
2. Ao tomar a decisão de ir embora do Brasil, você decidiu ir sozinho(a), ou foi com mais alguém? Em que ano isso aconteceu?
3. Por quê optou por cruzar a fronteira do México? De que forma ocorreu a travessia ilegal para os Estados Unidos?
4. Qual o sentimento que teve durante o trajeto da travessia?
5. Em algum momento você pensou em desistir?
6. Como você se sentiu ao entrar nos Estados Unidos como imigrante ilegal? Onde morava? Qual atividade que exerceu nos EUA? Qual era a sua renda? Tinha casa própria ou morava de aluguel?
7. Por quanto tempo conviveu ilegalmente nos Estados Unidos? Nesse tempo se envolveu com alguma questão irregular? Precisou acionar a polícia americana? Se sim, qual foi o motivo?
8. Como era sua relação de brasileiro(a) imigrante ilegal com os americanos? Você tinha vida social? Tinha tempo para lazer? Se sim, o que fazia? Descreva como era a sua vida cotidiana?
9. Você tinha permissão para trabalhar? Você dirigia na América? Tinha licença para dirigir?
10. Durante o período que conviveu ilegalmente nos Estados Unidos, pensou em retornar ao Brasil?
11. Por qual motivo foi pego pela Polícia de Imigração?
12. O que sentiu ao ser preso(a) pela Polícia de Imigração?
13. Quanto tempo demorou o processo de deportação?
14. Relate como aconteceu a sua deportação?

15. O que pensou quando a Polícia de Imigração lhe disse que iria ser deportado para o Brasil? Descreva o seu sentimento ao deixar a América?
16. Ao desembarcar no Brasil você teve algum apoio de organização ou entidade de assistência brasileira?
17. Como está enfrentando essa nova etapa na sua vida?
18. Relatar quais as conseqüências que a deportação trouxe para a sua vida?
19. Quais os problemas que enfrentou e ainda enfrenta para recomeçar a vida dentro do seu País?
20. Como se sente hoje vivendo em seu país?
21. Quais são os seus planos futuros? Você pretende continuar vivendo no Brasil?

ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido**TÍTULO DA PESQUISA:****PESQUISADOR RESPONSÁVEL:****JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:****DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA:****BENEFÍCIOS DA PESQUISA:****MÉTODOS ALTERNATIVOS EXISTENTES:****FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA:**

Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência médica e/ou social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa. Basta procurar o(a) pesquisador(a), pelo telefone do trabalho (27) 3331-8500, e também no endereço Av. Vitória, 950, Forte São João, Vitória/ES, CEP.: 29.017-950.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS

Em qualquer momento o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS

As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúdes nacionais e internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

RESSARCIMENTO DE DESPESAS E INDENIZAÇÕES**CONSENTIMENTO PÓSINFORMAÇÃO**

Eu, _____, portador da
Carteira de Identidade n.º _____ expedida pelo Órgão _____,
por considerar devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste
termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expresse meu consentimento
para inclusão, como sujeito da pesquisa. Fui informado que meu número de registro
na pesquisa é _____ e recebi cópia desse documento por mim
assinado.

Assinatura do Participante Voluntário

DATA

Impressão Dactiloscópica
(p/ analfabeto)

Assinatura do Responsável pelo Estudo

Data